

Roberto Lopes



O
LIVRO
DA
BRUXA



Roberto Lopes

O Livro da Bruxa

Lopes, Roberto
O livro da bruxa / Roberto Lopes. - São Paulo
2003.



Produção, revisão e diagramação para e-book:
Ricardo Ferreira de Carvalho

*Este livro é
dedicado às bruxas.*

*Sem elas o mundo seria
bem menos interessante.*

Prefácio

Sempre acreditei que as bruxas fossem uma lenda... ate recentemente. De fato, elas existem. Compartilhei uma pequena viagem com uma delas e aprendi novas formas de ver o mundo.

Também foi desfeita a imagem que eu tinha de uma bruxa: velha, magra, nariz comprido com uma verruga, queixo pontiagudo, cabelos desarrumados, dedos finos, olhos esbugalhados e vestida num manto preto com capuz.

A bruxa que conheci é uma senhora de aparência absolutamente comum, bem no estilo das boas e sábias vovozinhas.

Após encontrá-la, em pouco tempo fui arrastado para uma aventura inesquecível. E só quando já estava irremediavelmente envolvido percebi a genialidade de seu disfarce.

Ela também não usou um caldeirão nem ingredientes exóticos como olhos de cobra e asas de morcego para fazer uma poção. Mestre na arte da bruxaria, trabalhou apenas com elementos do cotidiano. Um desenho no papel, um carro velho atrapalhando o trânsito, crianças brincando, uma semente, um ventilador e outras coisas comuns transformaram-se diante de meus olhos em valiosíssimas lições.

Contudo, só depois percebi qual tinha sido sua maior magia. As bruxarias que tanto me impressionaram no início foram apenas fagulhas de algo muito mais intenso. Sua grande obra foi me transformar.

Então compreendi o enorme poder atribuído às bruxas nos contos de fadas. Elas podem, sem dúvida, transformar pessoas em sapos, ou vice-versa. Felizmente o meu caso foi o segundo.

Depois de conhecê-la, comecei a perceber como o mundo é um lugar fantástico, muito mais do que a maioria de nós imagina.

Agora também sei que este livro é parte do encantamento que ela lançou sobre mim.

Deste modo, fique ciente, caso pretenda prosseguir na leitura, que está se arriscando a ser submetido ao mesmo feitiço.

Depois não vá me acusar pelas transformações que podem acontecer em sua vida.

Alegarei completa inocência.



Encontro

Nosso primeiro encontro aconteceu num final de tarde de primavera. Havia chovido, e o ar estava fresco. Alguns relâmpagos ainda iluminavam o céu, e os trovões chegavam como rugidos de um animal distante. O sol, antes de se pôr, tinha encontrado uma fresta entre as nuvens e entrava horizontalmente pelas janelas do hospital.

Eu estava terminando meu plantão, visitando os pacientes internados na enfermaria do terceiro andar. Consultei a última ficha. Era uma senhora de 86 anos com diagnóstico de pneumonia.

Ela estava só em seu quarto, e quando entrei fui recebido com um grande sorriso.

- Boa tarde, doutor - disse, ajeitando-se melhor na cama.

- Boa tarde! Então a senhora é a famosa paciente com pneumonia - brinquei.

- Ainda não tão famosa, mas isso não é o mais importante - respondeu, bem humorada.

- Como a senhora está se sentindo hoje?

- Estou cada vez melhor. Não tive mais tosse, e após a chuva o ar está bastante agradável, sem poluição. Olhei as radiografias pulmonares feitas na véspera. A visualização dos brônquios era evidente e demonstrava uma inflamação do tecido pulmonar, um dos sinais característicos de pneumonia.

Numa paciente jovem, um quadro deste tipo não é muito preocupante, pois os modernos antibióticos podem debelar rapidamente a infecção. Mas em pessoas idosas é necessário cuidado. Por isso, a idade acima de 65 anos é um dos critérios utilizados para internação nos casos de pneumonia.

- Gostaria de auscultar seus pulmões. A senhora poderia sentar-se? - perguntei.

- Claro que sim - respondeu, já se levantando com uma agilidade incomum para sua idade.

Ao examiná-la, percebi que os sons pulmonares estavam límpidos. Não havia nenhum ruído anormal detectável através do estetoscópio, e sua frequência respiratória era absolutamente normal. Fiquei surpreso, pois pacientes idosos desenvolvem quadros mais complicados. Uma melhora tão rápida numa senhora de 86 anos era bastante rara.

- Parabéns, a senhora está com os pulmões em franca recuperação. Em breve poderá ir para casa - animei-a.

- Que bom... O senhor não sabe, mas gosto muito de ler seus artigos - disse, mudando repentinamente de assunto. - Quando recebo a revista, é a primeira coisa que leio.

Ela referia-se a uma revista na qual eu escrevia uma coluna mensal.

O hospital é um lugar onde muitos pacientes sentem-se isolados e carentes. Assim, é um dever do médico dedicar a máxima atenção a eles, pois esta atitude é fundamental para o processo de restabelecimento.

Ao estimular nossa conversa, acreditava estar apenas dando atenção a uma senhora com certo grau de carência afetiva. Não fazia a mínima idéia das incríveis mudanças que aconteceriam em minha vida a partir daquele encontro.

- Ah, então é a senhora que lê meus artigos. Os editores disseram que só estavam mantendo a minha coluna porque havia uma única leitora assídua - comentei, rindo.

- Não brinque. O senhor sabe que muitas pessoas se interessam pelos seus artigos. Aliás, este é o principal motivo pelo qual estou aqui.

Fingi ter sido surpreendido.

- Quer dizer que a senhora ficou com pneumonia porque leu meus artigos?

- Minha pneumonia é apenas um pretexto. O verdadeiro propósito deste encontro é ajudá-lo em seu novo trabalho - declarou.

- Novo trabalho? Nem estou conseguindo dar conta das coisas que tenho para fazer e a senhora ainda quer me dar um novo trabalho... Espero que seja bem remunerado - graciei.

Ela ajeitou seu travesseiro e recostou a cabeça antes de continuar.

- Quando li um dos seus artigos pela primeira vez, percebi que você... posso chamá-lo de você? - perguntou.

-Sem dúvida - respondi.

- Ao ler o artigo, senti que você estava em busca de um conhecimento maior, mas ainda não estava pronto para recebê-lo. Desde então venho acompanhando a evolução de suas idéias. Recentemente, ao ler “A Escola de Pintura”, percebi que a hora de procurá-lo havia chegado - concluiu.

“A Escola de Pintura” é o título de um artigo no qual eu comparei a vida ao trabalho de pintar um quadro. Tomo a liberdade de reproduzi-lo, para que você saiba do que se tratava nossa conversa.

A escola de pintura

Outro dia um amigo me perguntou o que eu acho que é a vida.

Resposta difícil, não é? Vou contar como respondi.

Imagine uma escola de pintura. Ao entrar, você recebe uma tela em branco e encontra vários alunos pintando. Muitos estão trabalhando há anos, e os quadros são de todos os tipos, desde obras maravilhosas até telas completamente destruídas. As tintas, pincéis e materiais de pintura estão espalhados por toda a sala, alguns bem acessíveis, outros em locais bem difíceis.

Apesar de ser uma escola, não há professores. É tudo por sua conta.

O que você faria nessa situação? Pegaria qualquer pincel e simplesmente espalharia tintas em sua tela? Observaria os que estão trabalhando e tentaria imitar alguém talentoso? Juntaria sua tela às de outras pessoas e pintaria um grande painel em equipe? Tentaria criar uma obra original e aprender com seus próprios erros? Utilizaria ape-

nas os materiais mais acessíveis ou batalharia para conseguir também os mais difíceis?

Volto a perguntar, o que você faria?

Na minha opinião, a vida é como esta escola de pintura. As pinceladas são as nossas ações.

Às vezes, damos pinceladas de mestre. Usamos o tipo certo de pincel, a mistura correta das cores e movimentos precisos. São as nossas boas ações. Aquelas que nos fazem dormir tranquilos e com um sorriso no rosto.

Outras vezes, borramos todo o nosso quadro e pensamos: “Argh! Estraguei tudo. Não tem mais jeito”. Desejamos até jogar a tela fora e parar com tudo. Vamos dormir arrasados e querendo morrer.

É nesta hora que precisamos lembrar da escola de pintura. Não se desespere. Por mais borrado que seu quadro esteja, você sempre pode pegar um pincel limpo, as tintas certas e pintar por cima.

Se você disse algo ruim para alguém, peça perdão. Se fez algo que não deveria, volte lá e conserte. Se deixou passar uma oportunidade de elogiar; procure a pessoa ou pegue o telefone e faça o elogio. Se teve vontade de acariciar alguém e não o fez, faça-o na próxima vez que encontrá-lo(a) e diga-lhe apenas que está acertando seu quadro; tenho certeza de que você será compreendido.

A única coisa que você não deve fazer é deixar os borrões aparecendo. Não interessa quão antigos eles sejam. Se estiverem lá; corrija-os. É corrigindo que aprendemos a não cometê-los e nos tornamos artistas cada vez melhores.

Fazendo assim, não importa se teremos mais duzentos anos ou apenas mais um dia para nossa pintura. Quando formos chamados para expô-la, ela estará perfeita. Talento, tenho certeza, todos nós temos.

Achei curioso ela estar falando sobre um novo trabalho e sugerindo que iria prestar-me algum tipo de ajuda. Decidi interrogá-la um pouco mais sobre isso.

- Desculpe-me, mas ainda não entendi. Que tipo de novo trabalho você... também posso chamá-la de você, não posso? Afinal, temos quase a

mesma idade - perguntei, brincando.

- Claro que pode. Afinal, cinqüenta anos de diferença não são quase nada - afirmou.

- Cinqüenta não, quarenta e seis... eu já tenho quarenta anos - retruquei, só para chateá-la.

Ela fez uma careta.

- E qual é o meu novo trabalho? - indaguei. - Tenha calma. Algumas coisas precisam vir no tempo certo... Você sabe que os remédios precisam ser tomados em doses e horários adequados. Quando prescreve um comprimido de oito em oito horas, você espera que o paciente siga esta instrução, não é? Não adianta ele tomar toda a caixa de uma única vez para apressar o tratamento. Novos conhecimentos são como os remédios e os alimentos, precisam ser absorvidos aos poucos - explicou com ar professoral.

- Concordo, mas continuo curioso para saber mais sobre este meu novo trabalho - insisti, testando-a.

- Pelo jeito não receberei alta hoje, não é?

- Claro que não. Você ainda precisa ficar mais algum tempo sob observação e tomar a medicação. Sei que a comida do hospital não é lá grande coisa, mas, se sua recuperação continuar no ritmo atual, em dois ou três dias poderá ir para casa. É só ter um pouco de paciência - respondi, consolando-a.

- Então ainda temos tempo. E, assim como você me pede paciência, eu lhe peço a mesma coisa... Você trabalhou o dia todo e já está anoitecendo. Vá para casa, descanse e amanhã venha me visitar novamente - disse, apaziguadora.

- Está bem - concordei.

Despedi-me, desejando uma boa noite, e voltei ao posto de enfermagem para terminar minhas prescrições. Ao sair do hospital, encontrei uma noite suave como há muito tempo não via. Ainda não fazia idéia de quanto minha vida iria mudar após conhecer aquela misteriosa senhora.

Naquela noite sonhei com anjos.



Novidades

Apesar dos percalços, gosto muito da minha profissão. Certa vez um professor comentou que o médico sempre pode fazer algo pelo paciente, mesmo que seja apenas consolá-lo. Nunca me esqueci deste conselho.

O dia foi bastante atribulado, como é normal na vida médica. Atendi muitas pessoas com os mais diferentes tipos de problemas e tentei ajudá-las da melhor maneira possível. No final da tarde, subi para fazer a visita rotineira aos pacientes internados.

No hospital, temos um protocolo de duas visitas diárias às enfermarias, uma pela manhã e outra no final da tarde. Deste modo, é possível ajustar as medicações e acompanhar melhor a evolução dos pacientes.

Outro aspecto positivo deste procedimento é que o paciente é sempre cuidado por dois médicos. Isso diminui a chance de se instituir um tratamento incorreto e permite que os casos sejam discutidos entre dois profissionais igualmente informados sobre as condições dos pacientes.

Pela manhã, a agitação nas enfermarias é sempre intensa. A equipe de enfermagem administra a medicação matinal e auxilia os pacientes no banho. Ao mesmo tempo é distribuído o desjejum, e os médicos passam pelos quartos. Muitos colegas gostam da agitação desse horário. Não é o meu caso. Prefiro fazer a visita da tarde, quando as enfermarias estão mais calmas e posso trabalhar com tranqüilidade.

Deixei para visitar minha nova paciente por último. Tínhamos uma

conversa para terminar, e isso seguramente levaria algum tempo extra.

Quando cheguei ao seu quarto, ela estava terminando de comer um pote de gelatina.

- Boa tarde, lembra-se de mim? - cumprimentei-a alegremente.

- Boa tarde! Como poderia esquecê-lo. Sou sua leitora assídua - respondeu.

Desde a véspera, eu ficara impressionado com sua lucidez. Aos 86 anos é comum existir algum grau de senilidade nas pessoas. A memória torna-se comprometida, e o convívio social fica bastante prejudicado. É uma situação muito triste e injusta. Contudo, senilidade não era o caso daquela paciente. Sua mente e seu corpo pareciam ignorar a idade avançada.

Desde o dia anterior, não havia registro de febre ou outra intercorrência em seu prontuário médico, e ela demonstrava a disposição de uma jovem de 20 anos.

Examinei-a novamente e não encontrei nenhum sinal da pneumonia. Era como se ela nunca tivesse estado doente.

- A senhora está muito bem de saúde. Se não fosse pelo seu nome nas radiografias, poderia jurar que a pessoa com pneumonia era outra - comentei.

- Eu disse que a doença era apenas um pretexto para encontrá-lo. Agora, já desliguei-a - ironizou.

- Não era preciso contrair uma pneumonia para falar comigo, bastava me telefonar - provoquei.

- Pelo telefone não teria o mesmo impacto, e eu não receberia a mesma atenção.

- Tem razão - admiti.

Anotei algumas informações em seu prontuário antes de continuar.

- Aliás, desde ontem estou curioso sobre meu novo trabalho. Quando terei mais informações? - perguntei, retomando nossa conversa da tarde anterior.

Ela adotou uma atitude maternal.

- De fato, não é um trabalho. É mais como um caminho a ser percorrido.

Fez uma pausa, como se estivesse organizando as idéias.

- Estamos vivendo numa época muito conturbada, e as pessoas estão

perdendo a capacidade de se maravilhar com o mundo. Na verdade, todos nós podemos fazer com que nossa passagem por este planeta seja extraordinária, mas muitos não sabem disso e estão desperdiçando suas vidas, o bem mais precioso que possuímos - disse.

Acomodou-se melhor na cama e apanhou a colher de plástico que repousava no pote vazio de gelatina. Lembrei-me de uma antiga professora de matemática que sempre pegava um pedaço de giz quando ia explicar alguma coisa importante.

- Como comentei ontem, ao ler seus artigos tive minha atenção despertada... e durante algum tempo apenas acompanhei seu trabalho. Quando você publicou o artigo comparando a vida à escola de pintura, julguei ser o momento propício para auxiliá-lo.

Olhou-me direto nos olhos.

- Responda-me com sinceridade, você realmente pratica aquilo que escreve ou só coloca as palavras no papel? - perguntou.

Fiquei surpreso com esta abordagem tão pessoal e inesperada.

- Eu acredito nas coisas que escrevo - comecei me defendendo. - No entanto, acho meio complicado pôr em prática muitas delas - confessei.

- Pois é este o caminho que vim ajudá-lo a percorrer. Você descobriu um mapa no qual estão descritos lugares maravilhosos. Mas não basta pendurá-lo na parede e escrever artigos sobre ele, como vem fazendo. É preciso arrumar a mochila e visitar estes lugares, percorrer todas as estradas e trilhas. Caso contrário, sua vida não será vivida do modo extraordinário... Você tem todos os pincéis, tintas e uma enorme tela à sua disposição. Não pinte um quadro tímido e limitado. Este desperdício é o maior e também o único pecado que poderá cometer - sentenciou.

No hospital, nós, os médicos, somos as autoridades máximas. Sabemos sobre doenças, tratamentos, procedimentos e prognósticos. Os pacientes são pessoas que confiam em nosso conhecimento e se submetem às nossas orientações. Entretanto, ela invertera completamente essa condição. Eu passei a ser seu paciente.

Apesar disto, não lutei para reconquistar minha posição. Decidi deixar as coisas correrem para ver qual seria o resultado. Na sua presença, sentia-me como se tivesse sete anos e fosse meu primeiro dia na escola.

- Ah, professora... Posso chamá-la de professora, não é? Afinal, acho

que a partir de agora sou seu novo aluno - disse, tentando conquistá-la.

- Podemos mostrar e até mesmo ajudar, mas acreditar que é possível ensinar algo para outra pessoa é uma grande ilusão. Ninguém é capaz de ensinar outra pessoa. Cada um de nós é o seu próprio professor - declarou solene.

- Mesmo assim vou considerá-la como professora - insisti, testando sua paciência.

- Como quiser. Se você acha conveniente, não me oporei - respondeu.

Decidi provocá-la um pouco mais.

- Dou aulas há quase vinte anos e agora você me diz que não é possível ensinar. Estou em crise.

- Não se preocupe, logo você irá superá-la - ironizou e deu uma piscadela travessa.

Nesse instante, uma jovem entrou no quarto. Não a reconheci, mas vi em seu crachá que era do setor de nutrição.

- Olá, doutor! Olá, vovozinha. Tudo bem? - disse, dirigindo-se alegremente a cada um de nós. - Desculpem-me interrompê-los.

- Não se preocupe, você não está interrompendo - respondi. - Estávamos apenas trocando idéias. Na verdade, eu já estava de saída. Preciso encontrar um colega no pronto-socorro antes de ir para casa.

Despedi-me de ambas dizendo que voltaria na tarde seguinte e deixei a jovem nutricionista fazendo seu trabalho.

Já tive contato com dezenas de pessoas idosas e admirava a forma como algumas envelheciam com dignidade. Infelizmente, muitas vezes não percebemos os verdadeiros tesouros disponíveis no contato com as pessoas mais experientes.

Claro que isso não é uma regra geral. Também existem idosos rabugentos e desagradáveis. Certa vez tratei de um velhinho especialista em reclamar e ofender. Ficou internado durante duas semanas e deixou toda a equipe com os nervos à flor da pele. Fizemos uma festa com bolo e refrigerantes logo após sua alta. Quando ele saiu, todos respiraram aliviados, principalmente eu, pois durante todo o tempo da internação temi que alguém iria atirá-lo pela janela da enfermaria.

Minha atual paciente era a prova da sabedoria da natureza. Para cada

ser humano desagradável existe outro excepcional.

Sua autoridade serena e sua lucidez me fascinavam. Como seria maravilhoso se todos pudéssemos envelhecer como ela.



Quadrado

Fui visitá-la novamente na tarde seguinte. Após os cumprimentos, ela pegou um guardanapo de papel e colocou-o sobre a mesinha.

- Hoje gostaria de mostrar-lhe algo importante. Emprésteme sua caneta - pediu.

Entreguei-lhe a caneta, e ela começou a desenhar algumas linhas retas.

Estava decidido a não mais me surpreender com as coisas que ela fizesse ou dissesse, mas não pude deixar de admirar a firmeza de sua mão ao executar o desenho.

Quando terminou, tinha criado a figura de um quadrado com duas diagonais.

- O que significa esse desenho para você? - perguntou, mostrando-me sua obra.

- É algum tipo de teste para avaliar meu perfil psicológico ou posso responder sem medo de estar sendo analisado? - perguntei, tentando ganhar tempo.

- Apenas gostaria de saber o que você vê nele - tranqüilizou-me.

- Aparentemente é um quadrado e suas duas diagonais... Acertei?

Ela esboçou um sorriso, percebendo minha tensão em responder algo inteligente.

- Não existe certo nem errado. É apenas um desenho - disse.

Ela parecia estar se divertindo com minha preocupação.

- Quando você o vê como um quadrado e suas diagonais, que pensamentos vêm à sua mente? - perguntou.

- Quer realmente saber isso? - indaguei, tentando ganhar mais algum tempo.

- Só se você não quiser contar - respondeu, divertindo-se com minhas evasivas.

- Então vamos lá - declarei, decidido. - Esse desenho me faz lembrar um problema de geometria... Fico até angustiado imaginando se a próxima pergunta será sobre o valor de algum ângulo ou o cálculo da distância entre dois pontos... Acho que não são lembranças muito boas do tempo da escola - concluí.

Ficamos alguns segundos em silêncio.

- Não precisa ficar angustiado. Vou salvá-lo dessa situação... A figura pode ser o desenho de um envelope. Consegue vê-lo? - perguntou.

Olhei novamente para o papel.

Como num passe de mágica, o problema de geometria havia desaparecido e lá estava o desenho de um envelope. Nenhuma linha havia mudado, mas milagrosamente a figura era outra.

Não consegui disfarçar e sorri como uma criança deslumbrada. Sempre gostei muito de mágicas e, quando vi o envelope, foi como se tivesse visto um elefante saindo de uma caixa de fósforos.

- Ah, é um envelope. Não pude percebê-lo da primeira vez, mas agora...

- Que tipo de pensamentos este envelope lhe traz? - perguntou, séria.

- Envelope... envelope... - fingi estar procurando algo na memória.

- Não faça cena. Quando você viu o envelope, algo surgiu em sua mente. Afinal, não é a primeira vez que você vê um envelope. Já existiam coisas associadas a ele na sua memória. Você só está ganhando tempo porque não tem certeza se quer me contar, não estou certa? Tinha sido apanhado. Parecia impossível tentar despistá-la.

- Está bem, confesso. Lembrei-me de uma amiga que mora em outro país. Conheci-a numa viagem que fiz há cerca de quinze anos. Trocamos muitas cartas antes dela se casar. Sempre quando vejo um envelope lembro-me dela... Tem certeza de que esta figura não é um teste para revelar

minhas características psicológicas?

- Pare de se preocupar em não se expor. Você ainda não percebeu que eu não preciso de nenhum teste psicológico para descobrir o que quero... Sou uma bruxa. Sei tudo a seu respeito. Inclusive coisas que você mesmo desconhece. Estou apenas lhe mostrando algo para facilitar seu caminho, portanto pare de relutar e aprenda.

Eu não conseguia distinguir quando ela estava falando sério de quando dizia algo apenas para me atizar. Será que ela acreditava ser realmente uma bruxa? Ou tinha dito aquilo apenas para me provocar? Sua aparência frágil e sua idade avançada ocultavam uma mente brilhante, capaz de manter o controle absoluto em qualquer situação. Ela era o tipo de pessoa que eu gostaria de ter ao meu lado caso entrasse em alguma encrenca.

- Ah, uma bruxa! É a primeira vez que tenho uma bruxa como professora... Pensando bem, acho que já tive algumas professoras bruxas; elas adoravam me deixar para exame no final do ano.

Fiz uma careta, como se tivesse algo azedo na boca. - Entretanto, não acredito que você seja uma daquelas professoras bruxas - continuei. - Talvez seja mais como uma bruxa professora, não é? Espero não ficar de recuperação na sua matéria. Não estou mais em idade de fazer provas nas férias.

- Não se preocupe. Não será esse o caso - comentou.

- Também gostaria que você contasse as coisas a meu respeito que ainda não sei. Economizaria um bom dinheiro de analista - argumentei.

- Vou fazer melhor do que isso: vou mostrar-lhe como descobri-las por si mesmo. Melhor que dar o peixe é contar como se pesca, não é o que diz o ditado? Pegou novamente a folha de papel.

- Vamos brincar um pouco mais com a nossa figura. O que mais você consegue ver neste desenho? - perguntou, retomando o ar professoral.

- Não sei, deixe-me pensar...

Fiquei olhando o desenho durante quase um minuto, mas não conseguia me concentrar. Só via o envelope ou o problema de geometria.

O silêncio era absoluto, e minha ansiedade crescia com o passar do tempo. Ela permanecia serena. Tive a impressão de que, se ficasse mais um ano olhando para a figura, ela esperaria pacientemente. Era como um jogo de xadrez. O próximo movimento era meu, e ela apenas aguardava minha jogada.

Olhei para ela pedindo socorro.

- Não estou conseguindo... Preciso de ajuda - admiti, envergonhado.

- Que tal uma ampulheta? - sugeriu. - Sabe o que é uma ampulheta, não é?

- Claro que sei. É um tipo antigo de relógio feito de vidro no qual se coloca areia. Quando virado de cabeça para baixo, a areia escorre lentamente da parte superior para a inferior - discursi com ar de grande entendido.

Decidi temperar um pouco mais nossa conversa. - Lembro-me de que tive uma quando vivi em Roma na época do Império, mas isso foi numa de minhas outras vidas - ironizei, querendo ver qual seria sua reação.

- É bom saber que você se lembra de outras vidas. Será útil para aproveitar melhor esta - rebateu, desarmando-me.

Fiquei sem ação.

- Agora olhe para a figura e veja se consegue ver a ampulheta - ordenou.

Obedeci e tornei a olhar para o desenho.

Numa fração de segundo a mágica ocorreu novamente. O envelope se transformou numa ampulheta. Podia ver os dois cones de vidro formados pelos triângulos superior e inferior e o suporte de madeira formado pelas linhas laterais. Mais uma vez não consegui conter a expressão de quem vê algo mágico acontecer bem diante dos olhos.

Senti que ela observava divertida meu deslumbramento.

- Que pensamentos a ampulheta lhe traz? - perguntou no exato instante em que algumas imagens surgiam em minha mente.

Deixei as idéias fluírem.

-Vejo um alquimista medieval colocando um frasco no fogo e virando a ampulheta para marcar o tempo. É alta madrugada. Ele está só em seu laboratório e sonha com o dia em que será capaz de produzir o elixir da longa vida e tornar-se imortal.

Fiquei surpreso com as idéias que eu mesmo acabara de expor.

- Parabéns, está ficando poético e soltando um pouco mais a imaginação. Isso é muito bom. Assim nosso trabalho fica mais divertido, não acha? - disse, sorrindo.

Era uma legítima professora estimulando um aluno pelo acerto.

- Obrigado. Acho que estou começando a pegar o jeito.-Agradei e fiz uma reverência, como um ator no final da peça.

- Então vamos continuar... O que mais você consegue ver no desenho?

- Tem outra coisa para ser vista aí? - duvidei. - Só depende de você. O que acha?

Depois de ter recebido os parabéns, não pretendia, sob nenhuma hipótese, passar um atestado de falta de imaginação. Olhei para a desafiadora figura e procurei uma nova abordagem.

Concentrei-me durante algum tempo tentando achar uma solução. De repente, tive um estalo.

- Ah, já sei... Estou vendo uma porteira. É, sim, é uma porteira - concluí, entusiasmado com minha descoberta.

Ela apenas olhou para mim e sorriu.

- Agora você quer saber o que a porteira me faz lembrar, não é? - continuei.

Ela balançou levemente a cabeça, concordando. - Estou lembrando do sítio do meu tio. Lá havia uma porteira igual a essa. Fui para lá algumas vezes. Quando chegávamos, era preciso descer do carro para abri-la. O sítio foi vendido há muitos anos... Tenho boas recordações daquela época.

As lembranças chegavam velozes, e continuei divagando sem restrições.

- Era muito agradável dormir com o barulho dos grilos e acordar com o canto dos galos. Também havia uma pequena cachoeira perto da casa. Tomei banho nela algumas vezes. A água era gelada, deliciosa... Mas foi há muito tempo. Não faria isso de novo. Especialmente depois de ter aprendido que é possível contrair esquistossomose em lagos contaminados - fina lizei.

Ela levantou uma sobrancelha quando falei sobre a esquistossomose.

- Desta vez você começou com poesia, mas foi trazido rapidamente à realidade pelos seus conhecimentos médicos. Pensar em esquistossomose quebrou todo o encanto... Alguns conhecimentos, às vezes, nos atrapalham - concluiu.

- Mas evitam que a esquistossomose nos pegue - rebati.

- Também impedem que tomemos banhos de cachoeira, não é?

Ela colocou o desenho de lado antes de prosseguir. - Não estou dizendo que devemos nos arriscar de modo insensato, mas com um pouco de bom senso podemos assumir alguns riscos e tornar a vida muito mais interessante... Ao beijar alguém, você também pode contrair uma doença. Mas qual é a graça de passar a vida sem beijar e ser beijado?

- Tem razão. Como disse um poeta, “O porto é o lugar mais seguro para um barco, mas ele não foi feito para ficar lá; seu destino é navegar” - declamei.

Ela bateu palmas delicadamente.

- Parece que retomei a inspiração poética, não é? - brinquei.

- A palavra poeta vem do grego e significa aquele que faz. Comparar pessoas a barcos ou a vida a uma pintura é típico da poesia. Ela permite estabelecer semelhanças entre coisas diversas... também possibilita ver a mesma coisa por diferentes perspectivas.

Pegou o papel e mostrou-me o desenho.

- Brincar com esta figura é uma forma de exercitar esta capacidade. Se soubermos utilizá-la, poderemos perceber as maravilhas ocultas em nossa rotina e modificarmos nossas vidas.

Uma nota de melancolia insinuou-se em sua voz, e ela começou a falar como se estivesse conversando consigo mesma.

- Infelizmente este nosso dom é pouco utilizado. Essa é a principal causa pela qual as pessoas atrofiam a capacidade de se maravilhar com o mundo. Tornam-se angustiadas e insatisfeitas. Não conseguem ver os tesouros que estão todo o tempo bem diante de seus próprios olhos - suspirou.

De repente, como se tivesse sido apanhada distraída durante o trabalho, retomou a disposição anterior.

- Que mais você consegue ver aqui? - disse, indicando o desenho.

- Ainda há outras coisas nesta figura? - perguntei incrédulo.

Ela colocou o papel de lado.

- Tem razão, não vamos exagerar. Você já tem coisas suficientes para pensar por hoje. É hora de descansarmos. Amanhã é sábado, você virá me visitar?

- Amanhã é o meu dia de folga. Outro médico está encarregado de visitá-la. Entretanto, se você permitir, virei apenas para conversarmos. Pos-

so chegar no início da noite. Aceita? - propus.

- Será um prazer, mas devo avisá-lo de que o horário de visitas deste hospital é até as dezessete horas. Se você chegar no início da noite, não poderá entrar - disse, num tom maroto.

- Vou revelar um segredinho. Tenho isso para mostrar na portaria - sussurrei, apontando para meu crachá. - Eles pensarão que sou médico e me deixarão entrar mesmo fora do horário - brinquei.

- Ah, muito bom.... Só espero não despertar ciúme em nenhuma esposa ou namorada pelo fato de você estar vindo me visitar no sábado à noite.

- Quanto a isso, pode ficar tranqüila. Estou absolutamente solteiro e não tenho nenhum outro compromisso marcado.

Era verdade. Eu tinha terminado havia pouco tempo um relacionamento de vários anos e estava tentando me manter longe dos compromissos mais sérios. Tinha passado minhas últimas noites de sábado comendo pizza e ouvindo músicas sozinho em meu apartamento.



Perspectivas

Chegou o entregador de frutas! - bradei ao entrar no quarto.

- Olá! Achei que você viria mais cedo - ela respondeu, colocando de lado a revista que estava lendo.

Eram quase dez horas da noite. Eu estava bastante atrasado porque tinha passado na casa de um amigo antes de ir ao hospital. Ficamos conversando, e eu me esqueci da hora.

- Desculpe-me pelo atraso... Como combinamos, hoje não estou aqui como médico. Mas antes de assumir meu papel de visitante, deixe-me saber como você está. Teve algum episódio de tosse ou febre?

- Nem tosse nem febre. Estou muito bem, obrigada.

Coloquei o pacote que havia trazido sobre a mesa.

- Trouxe-lhe algumas frutas. Pretendia trazer uma pizza também, mas depois achei que não seria muito adequado - graciei.

- Obrigada. Comeremos pizza numa outra ocasião. Que frutas você trouxe? - perguntou.

- Uvas e maçãs.

- Então vamos comer uvas. Você já jantou?

- Comi um lanche na casa de um amigo antes de vir para cá - respondi.

- Ótimo. As uvas serão uma excelente sobremesa. Você se importaria em prepará-las para nós?

- Terei o máximo prazer - disse, adotando uma atitude galante.

Abri o pacote, peguei dois cachos de uva e lavei-os. Entreguei um a ela e acomodei-me na cadeira com o outro. - E então, qual é o tema da aula desta noite? - perguntei, antes de colocar uma uva na boca.

Ela franziu a testa.

- Primeiro vamos ver se você aprendeu algo da aula anterior. Fale-me sobre a figura de ontem.

- O quadrado e suas diagonais? - perguntei. - Sim. É uma das possibilidades - ela disse. Peguei uma folha de papel e comecei a reproduzir a figura, ganhando tempo para relembrar.

- Bem... Aprendi modos diferentes de ver a mesma coisa. Consegui vê-lo como um problema de geometria, um envelope, uma ampulheta, uma porteira... Acho até que, com o tempo, encontrarei outras possibilidades. Enquanto eu desenhava, ela olhava interessada para suas uvas. Parecia uma criança com um novo brinquedo.

- As possibilidades são infinitas. O único limite é até aonde queremos ir - murmurou como se estivesse falando para si mesma.

- Você conhece outras coisas que podem ser vistas neste desenho? - perguntei, insinuando um desafio.

Como um aluno esperto diante de um problema difícil, eu tentava aproveitar a distração da professora para obter a resposta sem precisar pensar a respeito.

Ela percebeu minhas segundas intenções.

- Nada como conseguir as coisas sem trabalho, não é? Você continua querendo colecionar mapas e ainda não tomou coragem para empreender suas próprias viagens - recriminou-me.

- Tenha um pouco de paciência comigo. Prometo me esforçar. Mas estamos numa noite de sábado e meu cérebro não funciona bem nesta condição... Ajude seu pobre aluno... Que outra possibilidade posso ver neste desenho? - balbucei, fingindo sofrimento.

Ela retirou uma uva do cacho e saboreou-a com toda a calma do mundo antes de responder.

- Uma pirâmide vista por cima.

Olhei para a figura e lá estava a vista aérea de uma pirâmide.

Uma pirâmide vista por cima! É claro, uma pirâmide vista por cima!

Como é que eu não havia percebido antes? Imagens de desertos, camelos e tendas árabes surgiram em minha mente.

Estava fascinado com aquele jogo. Como era possível o mesmo desenho transformar-se em coisas tão diferentes? Tornei a desafiá-la.

- Muito bom. Há mais alguma coisa neste desenho?

- Esta figura é como nossas vidas. Há infinitas possibilidades. Nós é que determinamos quantas e quais queremos ver. É um poder que todos nós possuímos. Podemos utilizá-lo ou não.

Fiz cara de quem não estava acreditando. Achava que ela tinha esgotado seu repertório e estava blefando. Ela percebeu minha incredulidade e, sem desviar o olhar das uvas que segurava, balançou a cabeça.

- Muito bem. Vou lhe dar mais uma possibilidade... mas se quiser outras terá de consegui-las sozinho, combinado? - propôs.

- Combinado - concordei.

- Então tente um corredor bem comprido. Um corredor infinitamente longo - sugeriu.

- Um corredor?

Olhei para o desenho e a pirâmide havia-se transformado num longo corredor. Lá estavam as paredes, o teto e o piso seguindo até o infinito.

Não contive minha surpresa.

- Você é uma bruxa de verdade, não é? - perguntei.

- Sou como o desenho. Posso ser uma bruxa ou muitas outras coisas. Acho que preferiria ser uma fada. As bruxas não são bem-vistas pelas pessoas. Entretanto, uma bruxa é mais compatível com a forma na qual você me vê. Então, continuarei sendo uma bruxa, está bem? - declarou, divertida.

Acenei com a cabeça, concordando.

Ela levantou-se da cama e postou-se na minha frente. - Esta nossa capacidade de transformar as coisas é a base de uma vida produtiva e repleta de bons momentos. Contudo, muitas pessoas não utilizam este poder. Vêm apenas uma possibilidade e passam a vida reclamando de limitações que na realidade não existem. Andou um pouco pelo quarto antes de continuar. - Qualquer coisa pode ser trabalhada como este desenho - concluiu, apontando para a folha de papel. - Gostaria muito de concordar com você, mas me parece um método para fugir dos problemas. Não dá para olhar

para algo ruim e simplesmente transformá-lo em alguma coisa boa.
Pelo menos eu não sei como fazê-lo - retruquei.

- Não existem coisas boas nem ruins. Nós é que as rotulamos de boas ou ruins, segundo nossas crenças. A mesma situação pode ser encarada como algo bom por uma perspectiva e ruim por outra. É isso que a brincadeira com o desenho nos ensina.

- Gostaria de ver isso na prática - suspirei. - Dê-me um exemplo.

- Ah! sempre relutando em tentar sozinho. Nada como ter tudo mastigadinho, não é? - censurou-me. Voltou para a cama e cobriu-se com o lençol. - Vou providenciar alguns exemplos práticos para você, mas também ficará a seu cargo estendê-los para todas as outras coisas da sua vida.

- E quando será esta aula prática? - perguntei. - Você saberá quando for a hora. Não se preocupe. Arrumou o travesseiro e deitou-se, preparando-se para dormir.

- Obrigada pela visita e pelas frutas. Não quero ser indelicada, mas amanhã terei muitas coisas para fazer e gostaria de dormir agora. Deseje-me uma boa noite de sono e vá aproveitar esta linda noite de sábado. Passe aqui amanhã pela manhã.

Levantei-me, beijei-a carinhosamente no rosto e recomendei-lhe bons sonhos.

- Obrigado pela aula - agradei. - Obrigada pela companhia. Apaguei a luz ao deixar o quarto.



Interpretações

Fui para casa pensando em tudo que havíamos conversado. Ela mudara por completo meu conceito de envelhecer. Se eu chegasse a uma idade avançada, gostaria de estar tão ativo quanto ela.

Talvez, como ela havia sugerido, não existissem coisas boas nem ruins. Lembrei-me de um padre do colégio em que estudei. “Temos de fazer como as plantas: quando caírem porcarias sobre nós, devemos transformá-las em adubo e usá-lo para crescermos ainda mais fortes”, ele sempre repetia.

Lembrei-me também de uma situação engraçada que aconteceu com um amigo.

Certa vez sua esposa precisou sair durante a tarde de um domingo e deixou-o tomando conta dos filhos, uma menina de cinco e um menino de quatro anos. Dois pequenos furacões, com toda aquela energia inesgotável da idade. Era uma missão bastante desafiadora, pois ele nunca tinha assumido tal encargo sozinho. Para complicar, a decisão do campeonato de futebol ia ser transmitida pela TV, e ele pretendia assisti-la a qualquer custo.

Meia hora após a saída da esposa, ele já se sentia totalmente esgotado. As crianças corriam pela casa, subiam e desciam as escadas, espalhavam brinquedos, riam e gritavam. Um verdadeiro terremoto de grandes proporções. Claro que ele tentou estabelecer alguns acordos, mas seu esforço de paz foi devidamente ignorado.

A partida de futebol estava começando, e o garotinho, não satisfeito com a anarquia já instalada, decidiu ligar o equipamento de som num volume altíssimo.

Buscando resolver a situação sem violência, meu amigo tentou convencê-lo a diminuir o volume. Foi em vão. Testando os limites do pai, o garoto aumentou ainda mais o volume e riu sadicamente.

Vendo-se arrastado pela catástrofe, o pai perdeu a paciência e fez algo que nunca havia feito antes. Levantou-se irritado do sofá e pôs o filho de castigo. Colocou uma cadeira de frente para a parede e mandou-o ficar sentado lá, em silêncio absoluto.

O menino obedeceu sem reagir e sentou-se, ainda segurando um carrinho de plástico na mão.

Depois disso, a casa ficou um sossego, e ele pôde assistir ao jogo sem mais problemas.

Entretanto, a paz foi tanta, e o futebol, tão emocionante que ele se esqueceu completamente do filho no castigo. Só lembrou do fato no intervalo da partida, quase uma hora depois.

Quando isso aconteceu, ele pulou do sofá como se um alarme tivesse disparado em sua cabeça e correu arrependido para o local onde deixara o filho confinado havia tanto tempo.

O menino estava lá, quieto e concentrado em seu carrinho de plástico.

O diálogo que se seguiu foi mais ou menos o seguinte.

- Pronto, já pode sair do castigo agora - disse o pai, tentando manter a autoridade, mas sentindo um aperto no coração pela punição exagerada.

E o menino, ainda entretido com o seu carrinho, respondeu:

- Ah, pai. Deixe-me brincar mais um pouquinho aqui no castigo.

O mais engraçado é que a irmãzinha, ouvindo o que estava acontecendo, pediu para participar.

- Pai, deixe-me ir para o castigo? Eu também quero brincar de castigo! - exigiu, já arrastando outra cadeira de frente para a parede e sentando-se ao lado do irmão.

Quando ouvi essa história, achei-a brilhante. O menininho havia transformado uma situação desfavorável numa divertida brincadeira.

Ao lembrá-la, percebi que era um exemplo perfeito da lição que a

bruxa tentava me mostrar. Podemos transformar nossas vidas apenas alterando a perspectiva pela qual encaramos nossos problemas. Convertendo coisas aparentemente ruins em bom adubo.

Os alquimistas sempre buscaram a capacidade de transformar metais comuns em ouro. Mas talvez a grande obra seja esta nossa capacidade de transformar as situações desfavoráveis em momentos preciosos, inspiradores e divertidos.

Naquela noite comecei a sentir o ranger de algumas portas da minha alma, há tanto tempo fechadas, se abrindo.



Anjos

No domingo pela manhã, fui visitá-la. Quando cheguei, ela estava fora da cama e vestia uma roupa leve muito colorida.

- Bom dia - cumprimentei-a.

- Bom dia. Está pronto para sua aula prática? - perguntou.

Cocei a cabeça como se tivesse esquecido de trazer o caderno com a lição de casa.

- Já? Não sabia que a aula prática seria hoje.

- O dia está lindo. Não temos um minuto a perder. Vamos! - ordenou.

Pegou sua sacola sobre a cama e dirigiu-se para a porta.

- Ei! espere. Você está internada. Não pode sair do hospital assim - exclamei, já começando a entrar em pânico.

- É claro que posso. Além do mais, vou levar o médico comigo - justificou, sorrindo.

- E aonde você pensa que vamos? - Iremos à praia.

Ela colocou a sacola no ombro e olhou em volta para ver se não estava esquecendo nada.

- Não podemos sair do hospital assim. Você ainda não teve alta. É preciso preencher o...

- Não se preocupe. Minha saúde está excelente. Além do mais, preciso ir ao litoral hoje. Podemos aproveitar e passear um pouco pela praia.

Prometo que irei me comportar. Onde está seu carro? - perguntou, fingindo sussurrar.

- Meu carro? Está no estacionamento do subsolo, mas acho... - balbuciei, tentando convencê-la a desistir. - Venha - disse, puxando-me pela mão. - Temos muitas coisas para fazer hoje. Podemos conversar no caminho.

Fui conduzido até o elevador sem reagir. Só me lembro de ter dito “estamos saindo” quando passamos pelo posto de enfermagem e da imagem da enfermeira boquiaberta, sem entender nada.

No minuto seguinte, estávamos no carro saindo da garagem do hospital.

- Vamos mesmo à praia? - perguntei, numa última tentativa de voltar à realidade.

- Relaxe. Às vezes precisamos fazer coisas imprevisíveis. São elas que temperam a vida - ela respondeu, afivelando o cinto de segurança.

Seguindo seu conselho, tentei relaxar. Afinal, não havia nenhum mal em ir à praia numa linda manhã de domingo. O máximo que poderia acontecer era o diretor do hospital descobrir e me expulsar da equipe. Mas, se não pudermos fugir da rotina de vez em quando, de que adianta tanto trabalho?

- Trouxe as uvas que sobraram para comermos na viagem. Quando quiser é só pedir - avisou.

Ela remexeu em sua sacola. De lá, tirou um chapéu de tecido e colocou-o na cabeça. Em seguida, pegou seus óculos de sol. Com aquela roupa colorida, chapéu e óculos escuros, ela parecia uma adolescente. Era muito diferente das outras pessoas idosas que eu conhecia. Novamente pensei que, se conseguisse chegar aos 86 anos, gostaria de ter um espírito jovial como o dela.

Percorremos as ruas tranqüilas, atravessando a cidade em direção à estrada. O céu estava azul, e apenas algumas nuvens preguiçosas moviam-se com o vento. Sem o trânsito costumeiro, estava muito agradável dirigir naquela manhã de domingo.

Faltava pouco para chegarmos à avenida que nos levaria à estrada, quando um carro velho e malcuidado entrou na nossa frente, numa velocidade digna de uma tartaruga. A rua era estreita, e os carros estacionados

em ambos os lados impediam-me de ultrapassá-lo.

- Arrr! Esse imbecil está muito devagar. Será que ele não percebe? - rosnei.

- Você acha isso ruim? - perguntou a bruxa. - Claro que é ruim... O idiota está atrapalhando todo o trânsito - resmunguei, irritado.

Alguns carros já se enfileiravam atrás de nós. Logo alguém iria começar a buzinar.

De repente, apareceu uma chance, e consegui ultrapassá-lo. Foi uma manobra arriscada, mas bem-sucedida.

- Repare no motorista - disse ela. - O que acha dele?

Olhei pelo espelho retrovisor. O motorista fazia um par perfeito com seu carro. Seu cabelo era malcuidado e engordurado. O homem tinha uma barba rala e cheia de falhas. A camisa estava suja e amassada. Parecia um mendigo motorizado.

- É uma tragédia - respondi. - Não sei quem está pior, o carro ou o motorista.

- Pode ser o disfarce ideal de alguém muito importante, você não acha?

- Um disfarce? Como assim? - perguntei. Antes que ela pudesse me responder, um enorme caminhão saiu de um estacionamento no fim da rua e começou a manobrar, bloqueando a passagem. Diminuí a velocidade até parar totalmente.

- Ai! - resmunguei. - Hoje deve ser o dia dos idiotas. Será que ele não podia ter esperado nós passarmos antes de sair? - resmunguei comigo mesmo.

- Parece que estão querendo nos segurar, não é? - comentou.

- Desculpe-me. Não tenho o costume de me irritar ao dirigir, mas hoje estão abusando da minha boa vontade - justifiquei.

- Você já reparou no motorista do caminhão? - perguntou, chamando minha atenção.

Era um sujeito gordo, meio careca e com uma expressão de pouca inteligência. Usava uma camiseta vermelha sem mangas e tinha uma tatuagem no ombro esquerdo. - Mais um idiota - desabafei.

- Talvez seja um outro disfarce - murmurou, sorrindo.

Fiquei sem entender aonde ela estava querendo chegar com a história

dos disfarces, mas pressenti que logo ela iria me contar, e permaneci em silêncio.

O caminhão terminou a manobra e virou na primeira esquina, deixando o caminho desimpedido.

Ela retomou a conversa.

- Você achou ruim o carro velho e o caminhão terem nos atrapalhado, não é?

- Claro que sim - respondi, ainda tentando disfarçar minha irritação.

- Então vamos à sua aula prática. Vamos transformar as coisas ruins em coisas boas - exclamou. Ajeitou-se no banco, virou-se para o meu lado e levantou um pouco a aba do chapéu.

- Suponha que seu anjo da guarda realmente exista. E imagine que ele seja capaz de prever as situações de perigo... Assim, como bom anjo, ele deve protegê-lo e impedir que você se prejudique, não é?

Ela juntou as mãos e entrelaçou os dedos. - Vamos supor também que o seu anjo não possa aparecer para avisá-lo, pois isso seria contra as regras angelicais. Mas que lhe fosse permitido utilizar disfarces para interferir em seu caminho - disse.

Fez uma pausa para certificar-se de que eu estava acompanhando a história.

- Ao perceber um perigo adiante, ele poderia transformar-se num motorista dirigindo um carro caindo aos pedaços e entrar na sua frente para atrasá-lo ou num caminhoneiro que decide manobrar no exato momento em que você está passando. Desse modo, quando você for liberado, o perigo já não existirá mais.

Comecei a sorrir, mas permaneci em silêncio.

- O semáforo que fecha bem na sua vez de passar, o elevador que demora uma eternidade, um pneu furado, o telefone que não funciona, uma chuva inesperada... Tudo isso pode ser obra de seu anjo da guarda para atrasá-lo um pouco e salvá-lo dos acidentes. Já pensou nisso? - finalizou.

Olhei para ela, admirado, e recebi uma piscadela por cima dos óculos escuros.

Explodi numa gargalhada. Era realmente genial. Eu ia começar a falar, mas ela apontou algo.

- Veja! Lá está um exemplo de como trabalham nossos anjos da

guarda. Pare o carro para podermos ver melhor - pediu.

Ela indicava um grupo de crianças que brincavam de pular corda numa praça. Estacionei e ficamos observando durante algum tempo.

Duas crianças giravam a corda, e as outras esperavam a vez de entrar para pular.

Eu não estava entendendo qual era a relação daquela brincadeira com a história dos anjos da guarda, mas já estava me acostumando com suas excentricidades. Ela começou a explicar.

- Para pular a corda é preciso saber o instante exato de entrar. Se estiver adiantado ou atrasado, ela baterá no seu pé. E para saber qual é o momento certo é preciso sentir o ritmo da corda e entrar em ressonância com ele. Uma menina começou a se preparar para entrar. - Observe o que ela irá fazer - sugeriu.

Prestei mais atenção.

A menina aproximou-se, olhando fixamente o movimento da corda. Pouco depois, seu corpo começou a oscilar no mesmo ritmo, e, no instante seguinte, ela entrou e começou a pular. Contou dez saltos em voz alta e saiu, passando a vez para a próxima criança.

- E então? O que essa brincadeira tem que ver com o trabalho dos anjos da guarda? - perguntei. Ela virou-se para mim.

- O universo possui um movimento semelhante ao da corda. Os antigos chineses batizaram este ritmo de Tao. Quando o respeitamos, tudo em nossa vida funciona maravilhosamente bem. Nossa saúde é boa, prosperamos nos negócios, fazemos boas amizades, dormimos felizes e acordamos dispostos. A vida torna-se fácil, leve e divertida.

Fez uma pausa e suspirou.

- Entretanto - continuou -, às vezes saímos do ritmo... Queremos pular a corda no momento errado. Olhou para mim e ajustou seus óculos antes de prosseguir.

- É isso que nosso anjo sabe. Ele conhece o ritmo da corda universal. Então, para evitar que ela bata em nossos pés, tenta nos atrasar até chegar uma nova oportunidade... As vezes, conseguimos driblá-lo e insistimos em permanecer fora do ritmo.

- Como quando arrisquei ultrapassar o carro velho que estava na nossa frente - murmurei.

Ela sorriu concordando.

- Ainda bem que seu anjo foi rápido e conseguiu arranjar um caminhão para detê-lo. Nem sempre eles conseguem ser tão eficientes - disse.

Fiquei alguns segundos olhando para ela sem dizer nada.

- Você é única, sabia? - declarei, quebrando o silêncio.

- Espero que, de agora em diante, você seja capaz de identificar sozinho as manifestações de seu anjo e pare de chamá-lo de idiota - recomendou.

- Vou tentar, mas devo admitir que ele é um mestre nos disfarces.

- Todos eles são, por isso são anjos.

- Pegue as uvas e vamos brindar aos nossos anjos - sugeri.

Liguei o carro, e seguimos até a estrada, comendo uvas.



Agrupamentos

Contrário ao que eu havia imaginado, o tráfego não estava tranquilo na estrada. Muitos carros se dirigiam ao litoral. Isso não era comum numa manhã de domingo, fora do período de férias.

Com trânsito, a viagem seria mais desgastante. Comecei a acompanhar o veículo da frente com bastante atenção. Liguei o rádio para aliviar a tensão. Estava tocando uma música antiga.

- Muita gente decidiu ir à praia hoje. Não esperava todo esse movimento - comentei.

Ela ficou em silêncio durante alguns momentos. - Vá para a faixa da direita e desacelere - pediu.

Achei que ela estivesse se sentindo mal ou precisasse ir ao banheiro. Fiquei preocupado, pois estávamos longe do próximo posto de gasolina.

- Por quê? Há alguma coisa errada? Você está bem? - perguntei, tenso.

- Fique sossegado. Só quero lhe mostrar algo - tranqüilizou-me.

Respirei aliviado. Mudei de faixa e diminuí a velocidade.

- Um pouco mais devagar, por favor - pediu. Vários carros começaram a nos ultrapassar.

Após algum tempo, olhei para ela, aguardando instruções.

- Mantenha-se assim - disse, como se estivesse lendo meu pensamento.

Lutei contra o desejo de acelerar e voltar para a faixa da esquerda. Os outros carros continuaram nos ultrapassando. Naquela velocidade, levaríamos o triplo do tempo para chegar à praia. Comecei a ficar angustiado.

De repente, ela disse:

- Pronto. Pode voltar a acelerar agora. Obedeci, agradecido.

- O que você queria me mostrar? - perguntei. - Não vi nada.

- Não está vendo porque não quer. Repare como a estrada está mais vazia.

Cerca de cem metros à nossa frente ia um agrupamento de carros. Todos muito próximos uns aos outros.

Olhei pelo retrovisor e vi outro grupo cinquenta metros atrás de nós. Parecíamos estar num vácuo do trânsito. - Caramba! Como você fez esta bruxaria? - exclamei.

- Não seja bobo... Isso não é uma bruxaria. Apenas diminuímos a velocidade e saímos da aglomeração. Talvez você não saiba, mas as pessoas têm necessidade de permanecer em grupos, mesmo quando não se conhecem. A estrada é um exemplo típico. Quando se sentir pressionado, basta diminuir um pouco a velocidade, e o grupo passará por você, deixando a estrada livre.

Instintivamente acelerei um pouco mais, tentando alcançar os carros da frente, e entendi o que ela quis dizer em relação à necessidade de se estar próximo dos outros.

- Lá atrás vem vindo outro grupo - continuou. - Se você souber administrar, ficaremos entre os dois e teremos a estrada praticamente vazia para nossa viagem. Se o grupo de trás nos alcançar, poderemos diminuir e deixá-lo passar. É só isso - concluiu.

Podia ver os dois blocos de carros aglomerados. De fato, era muito mais tranquilo viajar no intervalo entre eles.

- Incrível! Na auto-escola que freqüentei não me ensinaram este truque. Onde você aprendeu a dirigir? - perguntei.

- Essas coisas têm mais relação com a capacidade de observar o comportamento das pessoas do que com o ato de dirigir carros - respondeu.

- Vou mostrar este truque aos meus amigos. Já até sei como vou chamá-lo: "Fugindo do bolo". Aliás, quem gosta de ficar no meio do bolo é

recheio, não? - gracejei. Ela ajeitou-se melhor no banco.

- Na vida, enfrentamos situações semelhantes todo o tempo. Muitas vezes deixamos nossos desejos de lado e somos arrastados pelo movimento do grupo. O pior é que temos medo de desacelerar e deixar o grupo passar - comentou.

Pensei um pouco antes de perguntar.

- Será falta de personalidade? - indaguei.

- Colocando dessa forma, parece ser uma coisa ruim, mas não é boa nem ruim, é apenas uma característica que possuímos. Só precisamos ficar atentos para saber quando estamos fazendo algo porque acreditamos ou porque estamos sendo levados pelo grupo. Passamos por uma placa indicando o pedágio dois quilômetros à frente.

- Devemos fazer como os navegantes experientes: saber aproveitar o movimento das correntes oceânicas para nos levar a grandes distâncias... e manobramos por nossa própria conta quando for necessário - concluiu.

- Essa lição está abstrata demais para mim - reclamei.

- Você quer sempre tudo mastigadinho, não é? - perguntou.

- É sempre bom ouvi-la explicando - argumentei, desligando o rádio.

Para me provocar, ela fez uma cara de fingida resignação antes de continuar.

- Muitas vezes precisamos do apoio do grupo para empreender nossos projetos. Na África, por exemplo, uma zebra fica muito mais segura quando está no grupo. Sozinha ela se torna desprotegida e vulnerável. Encontre um grupo que possua um ritmo adequado, semelhante ao seu, e tudo será muito mais fácil. Por outro lado, se sentir desconforto, como estava há pouco no agrupamento de carros, saiba desacelerar e deixá-lo ir.

- Parece bem lógico - afirmei.

- Entretanto, é difícil fazer, pois acreditamos que, ao diminuir o ritmo, estaremos perdendo alguma coisa. O medo de sair é angustiante e nos deixa infelizes.

Ela fez uma pequena pausa.

- O importante é não confundir o seu ritmo com o do grupo. E não ter medo de deixá-lo quando sentir incompatibilidade... Como disse, o bom navegante sabe quando deve entrar na corrente e também quando é hora de remar sozinho.

Permaneci em silêncio, pensando em suas palavras. O que ela havia dito era óbvio. A grande diferença é que ela aplicava o conhecimento à vida, e eu, não.

Eu era um teórico. Descrevia mapas, sem nunca ter percorrido as verdadeiras estradas. Era como muitas pessoas que conhecia. Tinha medo de assumir a responsabilidade pela minha vida e tomar as decisões necessárias. Sempre havia sido conduzido pelo ritmo do grupo.

Percebi como era angustiante viver assim, e essa sensação me incomodou profundamente. Senti que era hora de arregaçar as mangas e começar a fazer as coisas acontecerem.

- Hoje se iniciaram minhas aulas práticas. Assim, como bom aluno, vou aplicar meus novos conhecimentos desde já - exclamei.

Ela fez uma expressão de surpresa.

- Para começar, vou treinar entrar e sair dos grupos nesta nossa viagem, de acordo com nosso próprio ritmo. Chega de descrever mapas. A partir de agora vou tornar minha vida extraordinária.

Ela sorriu satisfeita com meu discurso.

- Então prepare-se, terá muito trabalho, mas o melhor está por vir - declarou.

Em pouco tempo, estava me divertindo em controlar a velocidade para entrar e sair dos grupos de carros e percebi que em alguns eu me sentia muito mais confortável do que em outros.

O próximo passo seria estender este conhecimento para toda minha vida. Ainda não sabia como fazê-lo, mas tinha certeza de que ela me ajudaria a encontrar o caminho.



Deusas

Como se faz para se tornar uma bruxa? - perguntei, logo após passarmos pelo pedágio. Ela fez uma careta divertida, antes de começar a responder.

- Em primeiro lugar você precisa nascer mulher. Só as mulheres podem ser bruxas. Isso se deve ao fato de sermos superiores. Os homens até podem tentar ser bruxos, mas é uma condição bem menos sofisticada - respondeu, rindo.

- O quê? As mulheres superiores? Ah, não admito, nem por brincadeira! - gritei, fingindo indignação. Cá entre nós, eu sei que as mulheres são de fato superiores. Fui criado num grande matriarcado e aprendi desde cedo a respeitar a força feminina. Meu avô, por exemplo, era um homem decidido e autoritário, mas não fazia nada sem a autorização da minha avó. Meu pai seguiu pelo mesmo caminho, e seu casamento foi feliz e próspero. Isso também aconteceu com a maioria dos meus tios.

Nos bailinhos da adolescência, logo aprendi que eram as meninas que escolhiam os parceiros. Nós as ficávamos convidando para dançar, mas eram sempre elas que determinavam se aceitariam ou não.

Minha avó costumava dizer que as mulheres embalam o berço com uma mão e com a outra dirigem o mundo. Todas as minhas experiências só serviram para sedimentar ainda mais esta verdade.

Apesar de tudo, não pretendia deixar a bruxa propalar a superiorida-

de das mulheres sem ao menos tentar defender o estandarte masculino.

- De onde você tirou a idéia de que as mulheres são superiores? - perguntei.

Ela arregaçou as mangas, simulando preparar-se para o combate.

- Você nunca leu a Bíblia? Está escrito no Gênesis - respondeu.

- No Gênesis?

- Claro. Deus primeiro fez o homem e depois, a mulher...

- E o que isso tem que ver? - perguntei.

- Primeiro Ele fez o rascunho. Depois, passou a limpo - disse, rindo.

Eu estava desarmado. Era impossível defender uma idéia na qual eu não acreditava de fato. Naquele momento, eu daria um mês de salário em troca de um argumento para enfrentá-la em igualdade de condições.

Ela percebeu a fragilidade da minha posição e continuou deliciando-se em massacrar-me.

- Você não percebe que as mulheres possuem um projeto mais elaborado... curvas delicadas, pele suave, cabelos sedosos. É evidente que Deus caprichou muito quando criou a mulher - provocou.

Fez uma pausa para ver se eu iria esboçar alguma reação.

Apenas suspirei indefeso.

Ela riu da minha expressão e foi em frente.

- O homem é um rascunho. Acho até que Deus, quando terminou de construir Adão, percebeu que se tinha esquecido de colocar alguns componentes. Então, para dar um jeitinho, Ele pendurou as adaptações pelo lado de fora. Vocês tiveram até de inventar a cueca para não ficar com tudo balançando - tripudiou.

- Nem sei o que dizer - desabafei. Ela continuou, sem piedade.

- Na Eva, Deus caprichou e fez tudo embutido. Um projeto de mestre, realmente divino.

Mesmo em grande desvantagem, decidi não entregar os pontos.

- Muito bem, concordo até aqui. Mas, para ser justo, Deus colocou mais inteligência nos homens - blasfemei vingativamente.

- Engano seu. Antes de tudo, Deus é sábio. Quando percebeu que Adão era apenas um rascunho, colocou as melhores coisas na Eva, inclusive a inteligência - rebateu.

Olhei para ela franzindo as sobrancelhas, fingindo estar bravo.

Ela estava adorando aquela discussão, e, sinceramente, eu também. Era um privilégio compartilhar a viagem com a dona de um raciocínio tão ágil.

- Quer um exemplo da inteligência superior das mulheres? - perguntou.

- Quero - desafiei.

- Peça a um homem para ir ao supermercado comprar uma lata de azeite. Ele entrará no supermercado, passará por milhares de produtos, irá direto à prateleira dos óleos e sairá apenas com a lata de azeite.

- E o que há de errado nisso? - indaguei, sem entender.

- Faça a mesma experiência com uma mulher. Ah, as mulheres! Nós pegamos um carrinho e percorremos calmamente os corredores. Aproveitamos para ver o preço de tudo. Compramos xampu, sabão em pó, descobrimos uma nova bolacha de chocolate, escolhemos as melhores frutas e o mais importante: sabemos exatamente qual é a marca de azeite mais gostoso. Então, pergunto: em quem você acha que Deus colocou mais inteligência?

Procurei alguma falha em seus argumentos, mas não encontrei. Mesmo assim, não desisti.

- Talvez vocês sejam melhores apenas para fazer compras - provoqueei.

- Você sabe que não é verdade. As mulheres são muito mais adaptáveis. Tornam-se excelentes professoras, médicas, jornalistas, advogadas, engenheiras... Já provamos que somos capazes de fazer tudo muito melhor do que vocês. O mundo é das mulheres - finalizou.

Decidi aceitar a derrota. Minha posição era insustentável, especialmente discutindo com uma bruxa.

- Tem razão, tenho de admitir. Somos verdadeiros trogloditas e estamos à beira da extinção. Vocês não precisam mais de nós nem para terem filhos. Há alguns anos, uma atriz americana engravidou por inseminação artificial feita num banco de sêmen. O mais humilhante é que por esse método vocês podem escolher as características do doador. Que chance terei contra o sêmen de um jovem de 28 anos, um metro e noventa, atlético, olhos verdes, pianista... - disse, fingindo desânimo.

Dei um longo e sofrido suspiro.

- Acho que os homens serão apenas animais de estimação das poderosas mulheres na próxima geração - desabafei.

- Também não precisa se desesperar - consolou-me. - Você mesmo disse que Deus é justo. Mesmo sendo rascunhos, Ele não iria deixá-los na mão, não é? Afinal, vocês também são Suas criações. Assim, em Sua infinita sabedoria, Ele lhes deu uma vantagem fundamental sobre as mulheres.

- Qual é a nossa vantagem? Fazer xixi de pé? - brinquei.

Ela aproximou-se de meu ouvido, fazendo que ia revelar um segredo.

- A maioria das mulheres ainda não sabe da sua superioridade - sussurrou. - Deus criou um mecanismo que dificulta percebermos nossas vantagens. De nada adianta sermos melhores se a maioria de nós não sabe disso, não é?

Piscou para mim antes de continuar.

- Você me perguntou o que é preciso para se tornar uma bruxa. Pois aí está a resposta: as bruxas são as mulheres conscientes da sua plena capacidade. Quando atingem esse ponto, tornam-se especiais. E é fácil identificá-las: são aquelas cobiçadas pelos homens.

- Ah, então esse é o segredo das mulheres mais desejadas? Sempre achei que fosse um corpo escultural - comentei maliciosamente.

- Você não entendeu. Ser desejada não se restringe apenas ao aspecto sexual. Se fosse só isso seria muito fácil para nós. Os homens respondem a estímulos muito primitivos. Basta colocar uma saia curta e vocês ficam todos alvoroçados. Já reparou como vocês não conseguem deixar de olhar para uma mulher de minissaia? Nem importa se ela é feia ou careca. É só deixar as pernas à mostra, e o efeito é automático. Vocês são conquistados apenas pelo que vêem - disse.

Dei um sorriso amarelo, admitindo minha fraqueza.

- E as mulheres, como são conquistadas? - perguntei.

- As mulheres são mais sofisticadas. Somos conquistadas pelos ouvidos. É preciso ter uma conversa inteligente e fazer galanteios sinceros para chegar ao nosso coração.

Fiquei boquiaberto com a revelação. Nunca havia pensado sobre isso.

Ela mudou de posição no banco antes de prosseguir.

- As bruxas a que me refiro não são desejadas apenas sexualmente.

São completas em todos os sentidos. Muitas vezes provocam inveja até nas outras mulheres.

Vasculhei minha memória e descobri que conhecia algumas mulheres assim, mas nunca havia cogitado sobre as características que as tornavam tão especiais. Tinha até um termo particular para classificá-las: deusas.

- Conheço algumas mulheres assim - comentei. - Só não sabia que eram bruxas. Costumava chamá-las de deusas.

- Essa sua denominação é bem mais atraente - disse.

- Não havia percebido antes, mas você se encaixa perfeitamente nessa categoria. Basta conhecê-la para desejar ficar o tempo todo ao seu lado - confessei.

- Obrigada. Mas esta não é a regra. O problema é que as verdadeiras bruxas, ou deusas, como você prefere, são tão intensas e seguras que deixam os homens com medo, por isso quase sempre estão desacompanhadas.

- Qual é a vantagem então? - indaguei.

- Só homens especiais conseguem se relacionar com essas mulheres. E, quando isso acontece, é algo muito, muito especial para ambos - confidenciei.

- Ahá! Então também existem homens especiais - exclamei. - Vejo um fio de esperança para o sexo masculino.

- É claro que existem. A história da exclusiva superioridade das mulheres foi só para provocá-lo. Os homens também podem ser muito especiais.

- Fico feliz em saber. Agora falta aprender como - comentei.

- Tudo aparece quando começamos a procurar. É só ter um pouco de paciência e perseverança... Que tal fazermos uma pausa ali? - sugeriu, indicando um grande posto de serviços uns duzentos metros à nossa frente.

- Apoiada. Depois dessa nossa conversa, preciso de algumas calorias para ajudar a organizar as idéias.



Relacionamentos

O posto possuía uma lanchonete bastante simpática. Depois de abastecer o carro, convidei-a para tomarmos o café da manhã ali.

Pegamos dois sucos de laranja, croissants e escolhemos uma mesa relativamente isolada para nos acomodarmos. De lá, podíamos observar tanto a estrada quanto o movimento das pessoas dentro do salão.

- Como é que as mulheres se tornam deusas? Ou elas já nascem assim? - perguntei, retomando nossa conversa.

- Raríssimas nascem com essa característica. A grande maioria demora para conquistar essa condição... Umas mais, outras menos.

- E como é esse processo? Existe uma receita? - Vou lhe contar como vejo a maioria se formar - declarou.

Ela bebeu um pouco do suco antes de continuar. - As mulheres vivem num ambiente muito repressivo. Quando meninas, são educadas para acreditar que o mundo é dos homens e sofrem restrições de todo tipo, especialmente em relação ao trabalho e à sexualidade. Até bem pouco tempo, éramos pressionadas por causa da virgindade e do risco da gravidez antes do casamento... Ainda bem que isso está mudando.

- É verdade. As novas gerações estão começando a deixar de lado certos tabus - concordei.

- Por serem mais emotivas, as mulheres passam a juventude procurando pelo príncipe encantado. Namoram e sentem-se felizes, daí casam-se iludidas, achando que tudo continuará maravilhoso... Mas, em pouco tem-

po, descubrem que o casamento foi um feitiço que transformou seu príncipe encantado num sapo - concluiu.

- Ah, mas as mulheres também se estragam após o casamento - protestei, vestindo a carapuça.

Ela riu de minha atitude machista.

- É impossível não se estragar estando casada com um sapo, não acha? - fulminou-me.

Ela tomou mais um pouco do suco antes de prosseguir.

- Apesar da decepção com a vida conjugal, as mulheres tentam manter a situação, pois sabem que existe uma pressão ainda maior sobre as separadas, ainda mais se tiverem filhos pequenos. Assim, muitas se conformam e passam a se dedicar totalmente às crianças. Anulam seus desejos, deixam de se cuidar, sufocam seus sonhos e se atrofiam.

- Ser mãe é padecer no paraíso... - provoquei. Ela fingiu não ter ouvido meu comentário inoportuno.

- Quando se chega a este ponto, os maridos procuram em outras mulheres o brilho que suas esposas já não exibem mais. O relacionamento torna-se falso, leviano e doloroso. Os sentimentos afetivos do início são substituídos por medo, culpa, cobrança e insegurança. Transformam-se em inimigos declarados, obrigados a conviverem na mesma casa.

- É horrível - interfeiri.

- O mais inacreditável é que muitos casais conseguem sustentar esta situação até o fim de suas vidas. É uma prova da fantástica adaptação dos seres humanos aos ambientes hostis.

Um saleiro e um paliteiro estavam sobre nossa mesa. A bruxa pegou o paliteiro e mudou-o de posição, afastando-o do saleiro.

- Em alguns casos, o relacionamento torna-se tão insustentável que não resta outra alternativa senão a separação. Daí, a mulher sofre muito, principalmente porque desconhece sua força. Esse é o ponto crucial.

É nessa fase que ocorre o despertar de muitas deusas - concluiu.

- Como? - perguntei.

Ela segurou o paliteiro como se ele fosse a personagem feminina da sua narrativa.

- Após a separação, algumas mulheres se desesperam e deixam suas vidas murcharem. Outras, entretanto, passada a fase da tristeza, descobrem

todo seu potencial, desabrocham, tornam-se independentes e seguras. Percebem como eram frágeis às correntes sociais que as restringiam... Evoluem, como borboletas que emergem de seus casulos.

Lembrei-me das mulheres que considerava como deusas e percebi que a maioria tinha percorrido exatamente o caminho descrito pela bruxa.

- Então não existem deusas casadas? - perguntei.

- Claro que existem, mas são raras. Nos moldes atuais, o casamento é uma instituição muito asfíxiadora. As mulheres casam-se e, algum tempo depois, têm de se separar para poder desenvolver todo seu potencial. Isso está acontecendo com uma frequência cada vez maior.

- Ótimo. Quanto mais deusas, melhor - declarei.

- Não sei se seus amigos concordariam com você.

- Por que não? - indaguei.

- Mulheres assim deixam vocês extremamente inseguros. É por isso que vocês estão consumindo toneladas de medicamentos para impotência sexual ou fazendo tratamento para ejaculação precoce. A maioria dos homens ainda não está preparada para lidar com mulheres tão independentes.

- Preciso pensar melhor sobre isso - admiti.

- É tempo de começar a perceber que vocês também terão de se transformar para fazer par com estas novas mulheres.

Mordi um pedaço do meu croissant, enquanto dezenas de idéias faiscavam em minha cabeça.

- Não sabia que você era contra o casamento - comentei.

- Não sou contra o casamento. Também já fui casada. Aliás, se não fosse o casamento, eu não seria a bruxa que sou - disse, piscando para mim.

- Mas você acabou de dizer que o casamento é asfíxiante e em seguida diz que não é contra... Não entendo - resmunguei.

- É porque você insiste em ver as coisas por um único ponto de vista. Não existem coisas boas nem ruins. É tudo uma questão de perspectiva.

- Só gostaria de saber sua opinião sobre o casamento - insisti.

- Atualmente não existe nada melhor para estragar o relacionamento entre duas pessoas do que o casamento. É claro que existem exceções. Mas a vida do casal geralmente não funciona porque acaba com uma negociação saudável que precisa existir entre homens e mulheres.

- Como assim? - perguntei.

- Os homens oferecem carinho, mas desejam sexo. As mulheres oferecem sexo, mas desejam carinho. Só o namoro consegue manter essa negociação equilibrada. Repare como os namorados agradam-se, trocam presentes, carinhos e aproveitam todos os momentos juntos. Fazem isso porque estão juntos por opção, não por obrigação.

Fez uma pausa e olhou os carros que passavam na estrada.

- O casamento acaba com esse equilíbrio - continuou -, pois obriga ambos a dormir todos os dias na mesma cama. Transforma o homem e a mulher em membros da mesma família. Esquece que a libido é estimulada pela ação de conquistar, é um instinto primitivo semelhante a uma caçada... Não há estímulo numa relação sexual com alguém de sua própria família.

- Por esse ponto de vista, você acaba de converter o casamento numa relação incestuosa - comentei.

- A convivência obrigatória sufoca o casal, a opção se extingue, e ambos se tornam infelizes, sem entender qual foi o grande erro cometido - concluiu.

- E onde está o erro? - perguntei.

- No quarto de casal - disparou.

- Então o quarto de casal é o culpado? - perguntei.

- Na verdade, a cama de casal é uma excelente invenção. Eu adoro camas grandes e macias. O problema surge quando somos obrigados a dormir todos os dias no mesmo quarto com a mesma pessoa. Esta foi uma das piores idéias da humanidade. É o assassinato da galinha dos ovos de ouro.

- Assassinato da galinha dos ovos de ouro? - indaguei.

- Você conhece a história da galinha dos ovos de ouro, não é?

- Conheço, é claro. É uma fábula de Esopo, o escravo que viveu na Grécia há mais de dois mil e quinhentos anos - disse, tentando impressioná-la.

Ela permaneceu calada.

- Apesar de conhecer a história, estou curioso para ouvir sua versão - declarei.

- Por quê? - perguntou, cruzando os braços.

- Porque tenho certeza de que sua versão deve incluir alguma pers-

pectiva nova. Pode começar, estou prestando atenção... - intimei-a.

Ela sorriu, descruzou os braços e começou a contar. - Certo dia uma galinha botou um ovo de ouro maciço. Sua dona ficou muito feliz, vendeu o ovo e reformou a casa. Uma semana depois, a galinha pôs outro ovo de ouro. A mulher vendeu-o e comprou móveis novos. Algum tempo depois, a galinha repetiu a façanha, e a mulher usou o dinheiro para viajar. Na volta, como a galinha demorara para pôr outro ovo, a mulher não agüentou, pois ficara gananciosa. Pegou uma faca e abriu a barriga da pobre ave em busca do ouro... Moral da história: ficou sem os ovos e sem sua galinha - concluiu.

Esperei pela continuação.

- Nos relacionamentos acontece a mesma coisa - prosseguiu. - Como só se vêem periodicamente, os namorados estão sempre alegres, arrumados e perfumados. Os passeios são sempre incríveis. Qualquer oportunidade é motivo para trocar um beijo ou um carinho, e o sexo é uma delícia. Tudo é maravilhoso. Então, ficam gananciosos e querem tudo de uma vez. O casamento é a faca que mata a galinha dos ovos de ouro.

- Se o casamento é tão terrível, por que as mulheres o desejam tanto? Estou cansado de ver revistas especializadas em vestidos de noivas...

- É porque ser uma solteirona é muito mais grave do que ser separada. A mulher ainda é educada para se casar. Se isso não acontece, ela fica com o estigma de não ter realizado algo importante em sua vida. Suas amigas passam a discriminá-la veladamente. Além disso, a filha solteira corre o risco de ter de cuidar dos pais na velhice. Até recentemente, a única forma aceita pela sociedade para a mulher sair de casa era através do casamento.

- Agora já sei sua opinião. Você é realmente contra o casamento - sentenciei.

- Não sou contra o casamento. Sou contra as coisas que sufocam a aventura de estar viva. Infelizmente, hoje o casamento está nessa condição. Você já reparou que nenhum super-herói é casado? Nem os personagens do Disney. Todos são sobrinhos, tios, avós, primos e namorados.

Aquela última colocação me surpreendeu. Fiquei pensando em como, após tantos anos sendo fã dos super-heróis e lido centenas de histórias em quadrinhos, não havia notado algo tão evidente.

Ela terminou seu suco e chamou-me de volta de minhas reflexões.

- Acho que podemos ir, não é? O oceano nos aguarda - disse.

- Então não vamos deixá-lo esperando - exclamei. Levantei-me, dei a volta e afastei gentilmente sua cadeira. Ela agradeceu, fazendo uma mesura. Retornamos ao carro em silêncio. Eu só pensava no quanto estava aprendendo com ela em um único dia.



Equilíbrio

Nossa viagem prosseguiu tranqüila. Descíamos a serra, e a vista era deslumbrante. Podíamos avistar ao longe as cidades litorâneas e o imenso oceano. O dia estava maravilhoso.

- Se existem homens especiais, gostaria muito de saber como tornar-me um. Será que ainda tenho alguma chance? - perguntei.

Ela sorriu, revelando uma covinha na maçã do rosto.

- Quer mesmo saber como tornar-se especial?

- Claro que quero. Depois posso vender a receita para alguns amigos. Além de ser um grande benefício para a humanidade, vou abrir uma empresa e concorrer com os remédios para impotência sexual - conclui, fingindo cinismo.

Ela apertou os olhos em sinal de repreensão.

- Estou brincando, é claro - desculpei-me.

Ela abriu um pouco a janela. O ar fresco e o cheiro da vegetação serrana inundaram o carro. Ela o inspirou e tornou a fechar a janela.

- Com certeza o caminho para ser um homem especial deve ser bem complicado - opinei.

- Não é verdade. As mulheres enfrentam dificuldades maiores, por isso se desenvolvem mais. Entretanto, o grau de desenvolvimento que podemos atingir independe de sermos mulheres ou homens.

- Afinal, qual é a receita para ser um homem especial? - insisti.

- Isso você já sabe.

- Já sei? Não estou me lembrando. Será que você poderia refrescar minha memória?

- Basta olhar para o problema e vê-lo por uma perspectiva diferente. Já fizemos isso com o desenho, com as situações que nos atrasam, com as aglomerações de carros na estrada... Podemos fazer isso em tudo, inclusive para saber como ser uma pessoa ideal para um relacionamento.

- Não sei se compreendo - confessei, sentindo-me um péssimo aluno.

- Pense bem... Que características possuem as mulheres especiais? Pensei um pouco antes de responder.

- Segundo nossa conversa anterior, elas são independentes, seguras e decididas - arrisquei, meio incerto.

- Exato. Agora diga, independência, segurança e decisão parecem ser características mais associadas às mulheres ou aos homens?

- Na minha opinião, parecem ser características masculinas - respondi, ainda hesitante.

- É isso! - estimulou-me. - As mulheres tornam-se especiais quando incorporam perspectivas masculinas ao seu modo de interagir com o mundo. Este é o fator que as torna especiais e, ao mesmo tempo, assusta os homens, pois vocês se sentem ameaçados em seu próprio território.

Virou-se para mim.

- Se as mulheres evoluem porque estão conseguindo ver o mundo por uma perspectiva masculina, qual deve ser a atitude dos homens para reequilibrar a balança? - perguntou.

Ela estava induzindo minha resposta.

- Os homens devem tentar ver o mundo por uma perspectiva feminina - murmurei.

- Muito bem. Aí está sua receita para ser um homem especial.

- Não valeu. Você induziu minha resposta - resmunguei.

- É muito mais divertido quando a solução vem da própria pessoa que propôs o problema.

- Pode até ser, mas eu ainda não sei como fazer para ver o mundo pela perspectiva feminina - reclamei.

- Para ver o mundo como as mulheres, os homens precisam educar-

se de maneira diferente. Por exemplo, emocionar-se, desejar carinho e resolver as coisas com delicadeza são atividades que precisam ser experimentadas para se ter uma perspectiva feminina. Lavar louças, cozinhar, cuidar das crianças e arrumar a cama também fazem parte. É só uma questão de equilibrar o Yin e o Yang para ser uma pessoa completa.

- Muitos homens dirão que essas não são atitudes masculinas - interrompi.

- Esses terão sempre as mulheres que merecem - sentenciou.

Continuei prestando atenção.

- Só pessoas completas podem estabelecer relacionamentos saudáveis. Muitas mulheres já começaram a fazer sua parte, agora é a vez dos homens. Caso contrário, teremos uma epidemia de mulheres solitárias e de homens inseguros - finalizou.

De repente, um carro, iniciando uma ultrapassagem, saiu da faixa da direita sem sinalizar e entrou bruscamente em nossa frente. Precisei frear para evitar a colisão. Meu primeiro impulso foi enfiar a mão na buzina e dizer muitos palavrões, mas minha reação foi outra.

- Desculpe-me o solavanco... acho que meu anjo da guarda se atirou na nossa frente porque quer que eu vá um pouco mais devagar - declarei, surpreendendo até a mim mesmo.

A bruxa abriu um enorme sorriso.

- Parabéns! Está começando a nascer um homem especial.



Bananas

Chegamos à praia e percorremos sem pressa a avenida em frente ao mar.

Depois de meia hora passeando sem destino, encontrei um bom lugar para estacionar o carro. Descemos e nos sentamos num banco sob uma árvore.

- Você já pensou como são simples as coisas de que precisamos para sermos felizes? - ela perguntou. - Na minha opinião, o ser humano é uma espécie eternamente insatisfeita. Nunca seremos felizes. Sempre haverá algo a ser conquistado, e nossa felicidade sempre dependerá disso - respondi.

Ela apoiou o pé num montinho de areia.

- Sofremos porque estamos caminhando no sentido oposto ao natural. Desejamos coisas cada vez mais complexas e não percebemos que os momentos felizes são feitos de ingredientes simples. Olhar o mar, conversar com um amigo, assistir ao nascer e ao pôr-do-sol, fazer outra pessoa sorrir, ouvir o canto dos pássaros, andar na chuva... - suspirou.

Era um prazer ouvi-la. Permaneci em silêncio, feliz, sentindo a brisa do mar.

- Sabe qual é nosso maior engano? - perguntou, após alguns instantes.

- Não - respondi, saindo do transe.

- Levamos a vida como quem vai ficar aqui para sempre.

- E como deveríamos levar a vida? - perguntei. - Como turistas.

- Turistas? - repeti.

- Quando viajamos, fazemos tudo para nossa viagem ser agradável, não é? Passeamos pelos locais mais bonitos, experimentamos as novidades e carregamos apenas o essencial. Sabe por quê? Porque sabemos que estamos apenas de passagem. Que cedo ou tarde iremos embora.

- Você acredita que podemos adotar essa mesma atitude em nosso dia-a-dia? - perguntei.

- É a única atitude racional. Ninguém ficará para sempre aqui. Estamos apenas visitando este planeta.

- É difícil conviver com a idéia de que um dia iremos morrer - retruquei. - Acho que viver como se fossemos eternos é um tipo de fuga da realidade. Acumulamos coisas e fazemos projetos a longo prazo para ter a sensação de que não precisaremos partir nunca. Somos como uma aranha construindo uma teia imaginária.

- O problema é que estes fios imaginários nos imobilizam de verdade. Quanto mais nos agarramos, menos conseguimos usufruir de nossas vidas.

- Não é tão fácil assim ser um turista. As convenções sociais impedem...

Ela não me deixou continuar.

- Lembra-se de seu artigo sobre o macaco e a banana - comentou.

Pensei um pouco e comecei a rir. Ela havia me flagrado tentando defender um ponto de vista totalmente oposto a um artigo que eu mesmo escrevera.

A seguir, uma cópia do artigo.

Por favor, largue essa banana!

Uma antiga tribo africana utiliza um método bastante curioso para capturar os espertos macacos que vivem nos galhos mais altos das árvores. O sistema é o seguinte: os nativos pegam um recipiente de boca estreita, colocam uma banana dentro, amarram-no ao tronco de uma árvore e afastam-se. Quando eles saem, um macaco curioso desce, olha dentro da cabaça e vê a banana. Enfia sua mão e apanha a fruta, mas como a boca do recipiente é muito estreita ele não consegue

tirar a banana. Surge o dilema; se largar a banana, sua mão sai, e ele pode ir embora livremente; caso contrário, continua preso na armadilha.

Após algum tempo, os nativos voltam e capturam sem dificuldade os macacos teimosos que se recusaram a largar as bananas. O final é trágico, pois eles são caçados para serem comidos.

Você deve achar absurdo o grau de estupidez destes macacos; afinal, basta largar a banana e ficar livre do destino de ir para a panela. Fácil demais, não é?

O problema deve estar no valor exagerado que o macaco atribui à sua conquista. A banana já está ali, na sua mão. Parece ser uma insanidade largá-la e ir embora.

Achei a história engraçada, porque muitas vezes fazemos exatamente como esses macacos. Ou você não conhece ninguém que está insatisfeito com o emprego, mas permanece lá, mesmo sabendo que está cultivando um infarto? Ou casais com relacionamentos completamente deteriorados que insistem em ficar sofrendo? Ou pessoas infelizes por causa de decisões antigas que continuam adiando um novo caminho que trará de volta a alegria de viver? Somos ou não como os macacos?

A vida é preciosa demais para trocarmos por uma banana que, apesar de estar em nossa mão, pode nos levar direto à panela.

- Tem razão, escrevi exatamente o contrário do que ia tentar defender. Vivemos presos em falsas conquistas. Basta um pouco de bom senso para sairmos delas - confessei.

- Se o macaco tivesse uma visão de turista, largaria a banana na hora, pois, sabendo que o tempo de viagem é curto, sairia em busca de algo mais emocionante - declarou.

Levantei-me do banco e espreguicei-me.

- Bem, como somos turistas nesta praia, vamos aproveitar as boas coisas que ela oferece. Aceita um coco gelado? - sugeri.

- Ótima idéia. Depois faremos uma caminhada, enquanto o sol ainda não está muito forte.

- Negócio fechado. Vou comprar nossos cocos. Quer algo para co-

mer? - perguntei.

- Não, obrigada.

Comprei dois cocos num quiosque próximo e voltei ao nosso banco. Entreguei um a ela e sentei-me ao seu lado.

- Você conhece a história do executivo que decidiu tirar uma semana de férias numa vila de pescadores? - ela perguntou.

- Acho que não. Conte - pedi.

- Ele gostava do mar e desejava sossego. Então, alugou uma modesta cabana numa vila de pescadores e partiu para lá com seu carro abarrotado de mantimentos. Uma semana sem fazer nada, longe do estresse diário, sem celular nem televisão, apenas vivendo no paraíso.

- Já estou gostando desta história - comentei.

- No primeiro dia, ele acordou bem cedo, pegou sua esteira, seu guarda-sol, passou protetor solar e foi à praia. Ainda estava arrumando suas coisas na areia quando viu seu vizinho pela primeira vez. Era um pescador local. Tinha a pele bronzeada, uma aparência saudável e, apesar dos cabelos brancos, um corpo jovial. O pescador colocou uma canoa na água, remou até passar a formação das ondas e jogou a rede. Ao puxá-la, vieram uns cinco ou seis peixes. Ele escolheu dois e devolveu os outros ao mar. Voltou com o barco, guardou os peixes e passou o resto do dia passeando pela praia.

Ela pôs o canudinho na boca e bebeu alguns goles da água do coco, deixando escapar um murmúrio de satisfação.

- No dia seguinte - prosseguiu - a mesma cena se repetiu. Curioso com a atitude de seu vizinho, o executivo não resistiu e abordou o pescador quando ele retornava da pescaria.

- Desculpe-me a intromissão, mas por que você joga a maioria dos peixes que pesca de volta ao mar? - perguntou o executivo.

- É porque eu só preciso de dois, um para o almoço e outro para o jantar - respondeu.

O executivo ficou inconformado com tamanha ignorância.

- Você está fazendo errado. Deve trazer todos, assim poderá vendê-los - recomendou.

- Para quê? - perguntou o pescador, surpreso.

- Porque com o dinheiro da venda você poderá comprar uma rede

melhor e pegar ainda mais peixes.

- E o que eu faria com mais peixes?

- Ora essa! Vendendo mais peixes você poderá comprar um barco maior e pescar ainda mais peixes... Com o dinheiro da venda destes poderá comprar outro barco e contratar pessoas. Seus barcos poderão fazer pesca em alto-mar, e assim você ganhará mais e mais dinheiro.

- É mesmo?

- Claro! E quando você tiver bastante dinheiro não precisará mais trabalhar. Já pensou? Se quiser, poderá ficar na praia o dia todo sem fazer nada - exclamou o executivo.

O pescador coçou a cabeça sem entender, olhou para o homem à sua frente e disse:

- Pois é, mas isso eu já faço pescando só dois peixes por dia.

A bruxa ficou em silêncio, esperando minha reação. Fiquei sem saber se deveria rir ou não.

- É uma piada? - perguntei.

- Apenas uma história de que me lembrei quando você foi buscar os cocos - respondeu.

- É, talvez as coisas sejam muito mais simples do que imaginamos - comentei.

Ela sorriu e olhou para o mar.

Enquanto permanecemos lá sentados, confesso que pensei em muitas bananas às quais estava agarrado e no excesso de peixes que estava carregando sem necessidade.

Com certeza a vida seria muito mais simples se eu assumisse minha verdadeira condição de turista neste lindo planetinha azul.



Brincadeiras

Caminhamos pela praia cerca de meia hora. Durante todo o tempo, ela permaneceu em silêncio, imersa em seus pensamentos. Aproveitei para sentir o calor do sol, observar as pessoas e relaxar, coisas que não fazia havia vários anos. De repente, dei-me conta de que estávamos chegando na ponta da praia. Olhei para trás e percebi o quanto havíamos caminhado.

Pouco depois, ela parou e sentou-se na grama, à sombra de uma árvore. Procurei por algum formigueiro oculto e, nada encontrando, sentei-me ao seu lado para descansar.

- Veja aquelas crianças - indicou, chamando minha atenção.

Um menino e uma menina, ambos com cerca de quatro anos, faziam castelos de areia. Baldes e pás de plástico colorido eram suas ferramentas.

Fiquei acompanhando o trabalho delas durante algum tempo.

- Você já notou como estão concentradas no que fazem? - perguntou.

De fato, ambas estavam completamente entretidas em suas atividades.

- Quando eu tinha essa idade e estava brincando, esquecia-me até de comer - comentei.

- E qual foi a última vez que você fez algo que o manteve tão concentrado e lhe deu tanto prazer?

- Quando? A ponto de esquecer de comer? Para ser sincero, não sei.

-Acho que só mesmo quando era criança - respondi.

Ela ajeitou-se melhor.

- É curioso dizermos que uma pessoa está brincando quando não está levando seu trabalho a sério. Deveria ser o contrário. Não existe ninguém mais sério do que uma criança brincando. Já pensou como o mundo seria maravilhoso se os adultos se dedicassem ao trabalho com o mesmo prazer e concentração das crianças? - comentou.

- Só poucos têm esta sorte. A maioria considera o trabalho um castigo - observei.

- É também uma questão de ser capaz de ver as coisas por uma perspectiva diferente. Existe uma antiga história que ilustra bem este ponto. Quer ouvi-la? - perguntou.

- Claro que sim.

- Conta-se que na Idade Média três homens trabalhavam numa pedreira. Tinham a mesma atividade. A diferença é que um estava sempre resmungando, o segundo fazia seu trabalho com total indiferença, e o terceiro era alegre e bem disposto. Certa vez foram perguntados sobre o trabalho que faziam.

- Eu quebro pedras - resmungou o primeiro.

- Faço blocos para poder sustentar minha família - disse o segundo, sem entusiasmo.

- Eu trabalho na construção de castelos e catedrais - disse o terceiro, orgulhoso e feliz.

Encolhi minhas pernas e me inclinei, abraçando meus joelhos.

- Já conhecia essa história, mas não me lembro de onde - comentei.

- Eu também não me lembro de quando a ouvi pela primeira vez, mas ela é bem adequada para mostrar diferentes perspectivas em relação ao trabalho.

- O difícil é chegar ao nível de achá-lo divertido, como as brincadeiras da infância - desabafei.

- Ser criança é ver o mundo em toda sua exuberância. É mergulhar nele com toda intensidade. Tudo é sempre novo e maravilhoso. As crianças possuem uma energia inesgotável e não conhecem bloqueios... Lembra-se dos seus primeiros anos na escola, quando a professora pedia um desenho qualquer? Não havia problema. Você pegava sua caixa de lápis de cor, e

em poucos minutos lá estava sua obra de arte. Ou quando ela pedia uma redação? Era só pegar a caneta, e logo seu texto já estava no papel. Declamar, dançar, representar, cantar... Quando somos crianças, sabemos e podemos tudo - argumentou.

Pegou pela haste uma folha que estava caída no chão e girou-a entre os dedos, como se fosse um brinquedo.

- Você já viu crianças de diferentes nacionalidades quando se encontram? A língua não é barreira para elas. Quanto menores forem, mais rápido começam a brincar juntas. Elas conhecem a linguagem universal. Continuou brincando com a folhinha enquanto falava.

- Quando crescemos, o mundo complica-se demais. As divertidas brincadeiras transformam-se nos sofridos empregos, e as grandes amizades da infância são substituídas pelos relacionamentos superficiais. Já não sabemos mais desenhar nem escrever. Cantar? Temos vergonha. Declamar uma poesia? Nem pensar. Para dançar, precisamos entrar numa escola. Representar passa a ser coisa de profissionais. E o pior: os adultos estão sempre cansados... inclusive nas férias.

- Existe alguma solução? - perguntei.

- Basta manter a perspectiva da criança sempre viva. Não ter medo de tentar. Não deixar que a palavra 'adulto' signifique 'adulterado', para indicar uma criança estragada, falsificada.

- Fugir do hospital para passear na praia é uma excelente travessura, não é? - provoqueei-a.

- É um bom começo. Devemos construir castelos de areia também - sugeriu, olhando as crianças.

- Boa idéia. Mas só mais tarde, quando o sol não estiver tão forte. Se formos agora, ficaremos muito queimados, e nossos pais não nos deixarão brincar juntos por um bom tempo - adverti.

- Você está se mostrando uma criança bem responsável, sabia?

- É porque sou mais velho do que você - brinquei.

- Tem razão... então vou obedecê-lo - disse, abrindo um largo sorriso de cumplicidade.



Armaduras

Convidei-a para almoçar num restaurante de frente para o mar. Era um dia muito especial, e eu queria um almoço à altura.

Quando entramos no restaurante, faltavam alguns minutos para o meio-dia, e poucas pessoas estavam almoçando naquele horário.

O maître nos recebeu e indicou uma mesa com excelente vista da praia.

Um garçom trouxe os cardápios e o antepasto. Pedi água e dois cálices de vinho branco enquanto escolhíamos no menu.

Quando o vinho chegou, brindamos à nossa viagem.

- Fico impressionado com a forma que você encara a vida - comentei. - Estou aprendendo mais hoje do que nos últimos dez anos.

- É simples. Basta ver as coisas por mais de uma perspectiva. É só uma questão de treino - disse, modestamente.

Peguei uma margarida do arranjo de flores que enfeitava nossa mesa.

- Quero oferecer-lhe esta flor como agradecimento pelo maravilhoso dia que você está me proporcionando.

- Obrigada...

Ela ficou algum tempo olhando para o presente.

- Esta flor, por exemplo. Você já estudou botânica, não é? - perguntou.

Não entendi a súbita mudança de assunto.

- Botânica? Estudei no colégio, mas já faz muito tempo. Não me lembro mais de nada - justifiquei.

- As plantas são seres vivos, e as flores, seus órgãos reprodutivos, sabia? - perguntou.

Enquanto eu tentava entender aonde ela queria chegar, ela continuou olhando para a flor com uma expressão divertida.

- O que você acha de alguém que arranca o órgão sexual de uma outra espécie e o oferece como presente - disse, recriminando-me.

- Nossa, nunca tinha pensando nisso! É terrível! Nunca mais vou dar flores - exclamei.

Olhei para o enfeite de flores sobre a nossa mesa e imaginei uma noiva carregando um buquê de órgãos genitais. Não pude deixar de rir do absurdo.

A bruxa pegou um pedaço de pão e começou a passar manteiga nele.

- Não quis estragar seu presente, apenas treinar um pouco mais ver as coisas por um outro ângulo - declarou.

Colocou um pouco de sal sobre a manteiga.

- Quanto a nunca mais dar flores, é um exagero de sua parte. Elas são maravilhosas e alegam nossas vidas. Adoramos receber flores. Para resolver o problema, basta presentear com flores plantadas, e todos ficarão felizes, inclusive a plantinha.

- Você adora me solapar, não é? - perguntei.

- Solapar é um conceito interessante. De onde você tirou isso? - indagou, interessada.

Comecei a contar uma longa história.

- Quando estava na escola de medicina, eu e uma amiga adorávamos um joguinho que chamávamos de solapagem. Tínhamos descoberto que a palavra solapar significa minar, arruinar, demolir... E era exatamente este o objetivo da nossa brincadeira.

Fiz uma pausa para tomar um gole de vinho.

- Funcionava assim: quando um de nós contava algo que havia feito ou pretendia fazer, o outro ouvia com grande atenção, procurando por um ponto vulnerável que pudesse demolir toda a estrutura... Como você fez ao dizer que as flores são os órgãos sexuais das plantas... Quando achávamos o ponto, disparávamos a observação demolidora. Sempre que isso aconte-

cia, ríamos muito e comemorávamos a solapagem. Nosso prazer era comparável ao das crianças que fazem castelos de areia e depois esperam ansiosamente a maré subir e desmanchá-los.

Ela ofereceu-me o pedacinho de pão com manteiga que havia preparado. Aceitei o carinho.

- Estava com saudade da brincadeira de solapagem. E hoje descobri a mestre suprema deste jogo - comentei.

- Demolir nossos castelos mentais permite-nos evoluir, pois, quando um é derrubado, podemos construir outro melhor com a experiência adquirida - disse.

- É verdade. Um professor certa vez me disse que só estamos realmente prontos para fazer alguma coisa no momento em que terminamos de fazê-la, pois é apenas nesta hora que conhecemos todas as dificuldades.

Ela começou a preparar outro pedacinho de pão.

- Por isso é importante estar sempre construindo e demolindo nossos castelos. Precisamos abandonar nossas certezas para podermos crescer. O problema é que achamos as mudanças assustadoras. Sair da rotina nos deixa expostos e vulneráveis - comentou.

De repente, ela interrompeu o que estava fazendo e olhou para dentro do restaurante.

- Veja, lá está uma amiga que vive enfrentando este problema - disse.

Voltei-me rapidamente, mas não vi ninguém. Achei que a pessoa havia passado antes de eu me virar.

- Quem era? Não consegui ver - reclamei.

- Não consegue ver porque não quer... Ela ainda continua lá - disse, sorrindo.

Tornei a olhar. Não havia nenhuma pessoa na direção apontada, apenas algumas mesas vazias e um enorme aquário no fundo do restaurante. Achei que ela estivesse gracejando comigo.

- Desculpe seu péssimo aluno, mas ainda não consegui encontrá-la. Ela é invisível? - provoqueei-a.

- Venha comigo. Vou lhe mostrar!

Ela se levantou, pegou-me pela mão e levou-me até ao aquário.

- Veja! Aí está ela - disse, apontando para uma enorme lagosta que caminhava entre as pedras do fundo. Minha cara de interrogação deve ter

sido tão grande que ela começou a explicar antes de qualquer outra manifestação de minha parte.

- A lagosta - disse -, diferente da maioria dos animais, possui o esqueleto do lado de fora do corpo. Sua carapaça é uma armadura que a protege das agressões do mundo. Semelhante aos cavaleiros da Idade Média, dentro de sua armadura ela é praticamente inexpugnável.

Ela tocou de leve no vidro como se estivesse acariciando o animalzinho.

- Nós também desenvolvemos uma carapaça semelhante à da lagosta - continuou. - Estabelecemos padrões e os utilizamos para nossa proteção. A única diferença é que nossa armadura é feita de rotinas e preconceitos.

- Por exemplo? - indaguei.

- Coisas do tipo: devemos sempre seguir o grupo, quem não frequentou a escola não sabe nada, o trabalho tem de ser desagradável, as pessoas separadas são infelizes, é melhor ser pobre com saúde do que rico e doente, e assim por diante.

- Com este último eu concordo. Com certeza é melhor ser pobre com saúde do que rico e doente - declarei.

-Acho melhor ser rica com saúde do que pobre e doente - retrucou, séria.

Levei quase dois segundos para perceber o jogo de palavras. Quando entendi, desatei a rir.

- Você tem razão, é muito melhor - comentei, ainda rindo.

- Este é um exemplo típico de nossos padrões mentais. Não é obrigatório rotularmos algo de ruim para compensar alguma coisa que acreditamos ser boa. Isso são distorções de nossa cultura. Só os sofredores entram no reino do céu é o maior disparate que já ouvi. Deus não quer assistir ao sofrimento de Sua própria criação. Ele quer que sejamos ricos, com saúde, belos, inteligentes, justos, felizes e todas as outras coisas boas que pudermos imaginar. Fica a nosso critério estabelecermos nossos próprios limites.

Ela tocou novamente o vidro do aquário.

- Somos iguais a essa lagosta: criamos uma carapaça para nos proteger, mas ao mesmo tempo limitamos nosso espaço para crescer... Para crescermos é necessário tentar sempre novos números no trapézio, dar sal-

tos mortais no escuro, aprender novas brincadeiras. O mais triste é que muitas pessoas só percebem isso quando chegam ao fim de suas vidas - concluiu.

- Como se resolve isso? - perguntei.

- Da mesma forma que a lagosta - respondeu.

- E como ela o faz?

- Quando sente que a carapaça está ficando muito apertada, ela simplesmente a abandona.

- Parece fácil... para uma lagosta - murmurei.

- Não é fácil, não. Sabe por quê?

Balancei a cabeça, revelando minha ignorância sobre o assunto.

- Primeiro porque é bastante complicado sair da carapaça antiga.

Depois, porque, quando a lagosta abandona sua armadura, torna-se vulnerável e exposta. Qualquer peixinho pode mordiscá-la sem dificuldade. Imagine então como ela deve se sentir em relação aos grandes predadores... Este período de risco e angústia dura várias horas, até a superfície de seu corpo endurecer e formar uma nova proteção - explicou.

- Não sei se estou pronto para arriscar ser devorado como nossa amiga aqui - confessei.

- O risco faz parte do processo de crescimento - sentenciou.

Fiquei em silêncio, observando a lagosta. A bruxa olhou para mim.

- Em seu caso, sua proteção está no fato de você acreditar que pode passar a vida contando histórias aprendidas pela experiência dos outros. Como disse, vim ajudá-lo, porque está na hora de soltar-se e partir para suas próprias viagens.

- Tomara não existam peixes muito grandes e famintos por perto - declarei.

- Com certeza eles existem... mas você irá sobreviver. Venha, vamos voltar à nossa mesa e pedir o almoço. - Tudo, menos lagosta! - gritei.

Ela riu, pegou-me carinhosamente pela mão e conduziu-me de volta à mesa.



Neblina

Fiz questão de deixá-la escolher o prato de nosso almoço, e ela pediu apenas uma salada. Tentei convencê-la a comer algo mais substancioso, mas ela se mostrou irredutível.

- Sinceramente, acho pouco comer apenas uma salada no almoço. - insisti.

- Comer bem não significa comer muito. Num antigo papiro egípcio está escrito que o nosso corpo só necessita de metade do que ingerimos para viver, a outra metade serve para sustentar os médicos - comentou, provocando-me.

Fiz uma careta, mas não retruquei. Ela tinha toda razão.

- Aliás, o exagero é um dos principais problemas de nossa época. Estamos gerando muito calor e pouca luz - declarou.

- Muito calor e pouca luz? - repeti.

- É! Como uma lâmpada ineficiente. Por causa dos exageros, estamos consumindo muita energia e produzindo poucos resultados.

- Gostaria de ouvir mais sobre essa sua teoria.

- Não é teoria, é um fato. Somos tentados a acreditar que, se um pouco é bom, muito será ainda melhor... Daí não importa mais a qualidade, apenas a quantidade - disse.

- Por exemplo?

- Você acabou de insistir comigo para pedirmos mais comida, não

foi? Como se viver intensamente implicasse em cometer exageros. Estamos vivendo numa época de grandes excessos... Veja as cidades, por exemplo. Construímos edifícios tão altos que não conseguimos mais enxergar o horizonte e passamos a habitar uma enorme caixa sem tampa, pois a única forma de enxergar o céu é olhando para cima. Com isso, excluímos a possibilidade de assistir ao nascer e ao pôr-do-sol... E à noite temos tantas luzes artificiais que não é mais possível ver as estrelas. Há tantos carros, caminhões e ônibus que ouvimos o ruído de seus motores todo o tempo. Daí, não podemos ouvir os passarinhos e não existe mais o tranqüilo silêncio da madrugada para repousar.

- Acho que as pessoas não estão dispostas a abrir mão destes confortos da vida moderna - ponderei.

- Tenho certeza de que não. Contudo, viver assim é como estar num local de permanente neblina. Vamos perdendo a capacidade de nos maravilhamos com a natureza. Perdemos a sensibilidade e a delicadeza. Precisamos falar mais alto para sermos ouvidos, comer mais para ficarmos satisfeitos, acender mais luzes para enxergarmos, usar perfumes mais fortes para sentirmos a fragrância, criar músicas mais barulhentas, dirigir carros mais rápidos...

- Mas você mesma disse que não existe nada bom nem ruim. Qual é o problema em exagerarmos? - questionei.

- Não estou dizendo que isso é ruim, apenas que é uma característica da época em que vivemos. Se não tivermos consciência disso, continuaremos nos sentindo angustiados, impotentes e fracassados. Pois, apesar de tentar, não conseguiremos assistir aos cem canais disponíveis na televisão, ler diariamente as trezentas páginas do jornal, ficarmos lindas como as modelos profissionais, viver paixões tão arrebatadoras quanto as descritas nos romances, alcançar o sucesso tão extraordinário quanto os grandes empresários, possuir mansões tão majestosas como os artistas de cinema... Criamos um mundo em que parece ser cada vez mais complicado estar bem, pois os exageros sobrepõem-se uns aos outros.

- Mas é uma característica dos seres humanos desejar ir sempre mais além, não é? - opinei.

- Sim, mas não devemos perder de vista as coisas essenciais. Somos como árvores que crescem em direção ao céu, mas deixam as raízes enfra-

quecerem.

Ela apoiou os braços sobre a mesa e entrelaçou os dedos.

- Você deve ter dezenas de pacientes queixando-se de depressão e angústia, não tem? - perguntou.

- Sim, tenho - admiti.

- Observe e descobrirá que todos estão assim porque deixaram de perceber a importância das coisas simples.

- Então exagerar é um pecado? - indaguei.

- Não, o único pecado é não aproveitar a vida. Cometer exageros de vez em quando é essencial para vivermos intensamente.

- Não entendo... - protestei.

- O exagero voluntário é diferente daqueles a que somos compelidos sem nos darmos conta - disse.

- Ainda não entendi.

Ela olhou em volta, procurando algo. Em seguida, disse alguma coisa num volume tão baixo que não consegui ouvir.

- Desculpe-me, não ouvi. Poderia repetir? - pedi.

Ela fez um sinal chamando o garçom. Quando ele se aproximou, ela pediu para desligar um ventilador próximo à nossa mesa.

Ele atendeu sua solicitação, e, de repente, o ambiente ficou agradavelmente silencioso.

- É um grande prazer estar compartilhando este almoço com você - disse, no mesmo volume baixo de antes.

- Obrigado. Também estou honrado com sua companhia - retribuí.

- Por que você não conseguiu ouvir da primeira vez? - perguntou.

Pressenti uma nova solapagem e hesitei uns dois segundos antes de responder.

- Porque o ventilador estava ligado e fazia muito ruído - arrisquei.

- O barulho nos forçava a exagerar. Agora, se quisermos, podemos até falar alto, mas é uma opção; antes não era.

- Deixe-me ver se entendi. Às vezes, vivenciamos situações nas quais o ambiente nos força a exagerar sem tomarmos consciência do fato... Na verdade, só percebi o ruído que o ventilador estava fazendo quando você pediu para desligá-lo.

- Sabe por que você não percebeu logo de saída?

- Porque ele já estava ligado quando nos sentamos aqui - respondi.

- Pois é. São as situações mais difíceis de serem notadas. As que já existiam antes de chegarmos. São aquelas nas quais acreditamos porque nossos pais acreditavam. E eles, por sua vez, as herdaram de nossos avós, e assim por diante.

Um garçom chegou trazendo a salada e serviu-a em nossos pratos.

- Dê-me um exemplo de situação desse tipo - solicitei.

- Você não desiste de tentar conseguir as coisas sem pensar a respeito, não é? - censurou-me.

Pus as duas mãos no rosto, fingindo estar muito envergonhado.

- Olhe para o céu. Você consegue ver as estrelas? - perguntou.

O céu estava totalmente azul. Não havia uma única nuvem, e o sol estava radiante.

- Ver as estrelas agora? Ainda é meio-dia e meia - exclamei.

- Contudo, as estrelas estão todas aí. Você não consegue vê-las porque o brilho do sol é muito intenso. As estrelas estão sempre no céu, mesmo durante o dia. Pense um pouco sobre isso e obterá as respostas sobre os excessos que cometemos sem nos darmos conta.

- Prometo que farei isso - declarei. - Mas, antes, vamos comer nossa salada. Estou morrendo de fome.

- Bom apetite - ela desejou.

- Bom apetite - retribuí.



Natureza

O almoço estava excelente. Comemos a salada, acompanhada pelo delicioso vinho branco. Devo confessar que ela estava certa com relação à quantidade de comida, pois a salada foi suficiente para saciar meu apetite.

- O que você deseja de sobremesa? - perguntei.

- Sorvete de chocolate. Ah, peça ao garçom para trazer uma porção bem generosa. Quero cometer um exagero consciente - disse, com ar maroto.

Pedi o sorvete de chocolate e uma salada de frutas para mim.

- O que mais me impressiona nas suas bruxarias é você ter sempre um exemplo acontecendo bem diante dos meus olhos - comentei.

Ela me olhou sem dizer nada.

- Quando aquele carro velho entrou na nossa frente e o caminhão bloqueou a passagem, você me apresentou o anjo da guarda. Em seguida, encontrou crianças pulando corda para me falar sobre o ritmo do universo.

- Podem ter sido coincidências - observou com ironia.

Fiz uma careta de incredulidade, e ela sorriu.

- Quando entramos na estrada e achei que teríamos muito tráfego, você me mostrou como navegar entre os grupos de carros e ter a estrada mais vazia. Aqui no restaurante você achou a lagosta para me falar sobre nossas armaduras. Antes disso, ao ver as crianças construindo castelos de areia, comentou sobre a seriedade e o prazer das brincadeiras infantis. De-

pois, usou o exemplo do ventilador para falar sobre situações que nos forçam ao exagero. Sem contar o desenho do quadrado e suas diagonais.

Fiz uma pausa antes de perguntar.

- Gostaria de saber de onde é que você tira tudo isso?

Ela apoiou os braços sobre a mesa e inclinou-se para a frente, juntando as mãos.

- Você já ouviu falar de Paracelsus?

- Já li sobre ele em livros de história da medicina. Sei que foi um médico suíço do século XVI e um dos precursores da moderna farmacologia. Ele também escreveu vários textos sobre alquimia - discurssei.

- Num dos livros escritos por Paracelsus, há uma frase muito interessante: “abandonei o estudo pelos livros dos homens e passei a ler o livro do mundo”. Sabe o que isso significa? - perguntou.

- Que ele decidiu descobrir as coisas por si mesmo?

- Um pouco mais que isso. Ele decidiu descobrir as coisas por si mesmo, observando a natureza - completou.

O garçom trouxe nossas sobremesas. O sorvete de chocolate era enorme, e ela fez uma expressão de criança preparando-se para fazer arte.

- Você quer saber de onde tiro as coisas? Do mesmo lugar que Paracelsus... do livro do mundo - arrematou.

- O livro do mundo deve estar escrito numa linguagem codificada para mim. Sinto-me um completo analfabeto - choraminguei.

- É porque você não está olhando pela perspectiva adequada. Muitas vezes achamos que Deus não quer falar conosco, mas isso não é verdade. Ele fala conosco o tempo todo, nós é que nunca estamos prestando atenção.

- Como se faz para ouvi-lo?

- A natureza é a linguagem de Deus. Aprenda a ouvi-la, e ela lhe dirá tudo o que você quer saber. Tudo está o tempo todo bem diante dos nossos olhos.

- Vou precisar da sua ajuda para começar a aprendê-la.

- Estou fazendo isso desde que nos conhecemos - afirmou.

- Então continue, estou adorando. Só não sei quanto tempo levarei para tornar-me alfabetizado - brinquei.

Ela começou a comer seu sorvete com grande prazer. Decidi não

atrapalhar sua diversão e ataquei minha salada de frutas. Havia pedaços de morango, maçã, laranja, banana, abacaxi e mamão cortados em pequenos cubos com muito capricho.

De repente, senti uma pequena semente na boca. Com certeza tinha escapado no momento da preparação. Era uma semente de laranja. Coloquei-a na borda do meu prato.

- Veja isso - disse a bruxa, apontando para a semente.

- É, o cozinheiro precisa tomar mais cuidado. Caprichou tanto, mas deixou passar essa semente de laranja - critiquei.

- Se você quer interpretar assim, não há problema... Mas estou vendo a natureza enviando-lhe uma mensagem - declarou.

Permaneci em silêncio, aguardando a explicação.

- Já pensou no trabalho que deu preparar sua sobremesa? - ela perguntou.

Pensei um pouco antes de responder.

- Imagino que foi preciso escolher as frutas, depois lavá-las, cortá-las em pedaços pequenos e colocá-las neste pote. Até que não é tanto trabalho assim - comentei.

- Você se esqueceu de mencionar a parte mais importante - disse.

Pegou com cuidado a semente que eu havia desprezado.

- Considere apenas a laranja. Uma semente igual a essa precisou chegar num terreno fértil. Então, milagrosamente começou a brotar e deu origem à planta. Ela criou raízes, nutriu-se do solo e cresceu. Enfrentou dias, noites, invernos e verões até desenvolver as flores, seus órgãos sexuais.

Neste ponto, ela fez uma pausa e olhou com o canto dos olhos para a margarida que eu lhe tinha oferecido. Fiz uma expressão de arrependimento, e ela divertiu-se ainda mais.

-A flor da laranjeira foi polinizada por um inseto ou um pássaro e desenvolveu-se até produzir a laranja que você está comendo - concluiu, indicando minha salada de frutas.

Pressenti que ela iria continuar e permaneci ouvindo.

- A mesma coisa aconteceu com todas as outras frutas que estão aí na sua salada. E sabe o que é mais bonito em tudo isso? A laranja trouxe dentro de si uma nova semente. Basta colocá-la num terreno fértil, e o ciclo

será reiniciado. Oculta na sua sobremesa está sua própria receita. Deus é um grande cozinheiro, não concorda? - finalizou.

- Nunca mais vou encarar uma semente como um inconveniente - respondi.

- Cada vez que você olhar para a natureza pela perspectiva adequada, ela lhe revelará um segredo. Assista mais vezes ao nascer do sol. Observe as árvores, os pássaros, as pessoas, os insetos, o vento, as estações do ano, a chuva, as montanhas, os desertos, o céu, o mar e as cidades. Encare tudo como uma sinfonia de Deus, e tenho certeza de que você a ouvirá.

Ela fez uma pausa e olhou-me bem nos olhos.

- E, quando estiver ouvindo, saberá qual é o seu instrumento e como fazer para harmonizar-se com essa música. Aí terminarão suas angústias e medos, e você estará vivendo plenamente.

Permaneci pensativo durante alguns instantes.

- Estou impressionado. Você é uma pessoa muito especial - declarei.

- Todos somos especiais. O problema é que muitos de nós criam limites inexistentes e deixam de crescer. São sementes de grandes árvores plantadas em pequenos vasos... E nenhuma planta consegue crescer mais do que o vaso que a contém. Desenvolver-se implica em liberdade e responsabilidade.

- Preciso de um tempo para pensar sobre tudo isso - afirmei.

- Você terá o tempo de terminarmos nossas sobremesas. Em seguida, quero passear um pouco mais pela praia - sentenciou.

- Está bem, mas antes de sairmos gostaria de tomar um café. Você também quer um?

- Só se for com chantilly. Vou cometer mais um exagero consciente.

- Então será com bastante chantilly - concordei.



Jogo

Sáímos do restaurante e voltamos a passear pela praia. Caminhamos apenas alguns minutos, pois o sol estava muito quente, e resolvemos nos sentar num banco à sombra.

Bem à nossa frente, um grupo de jovens disputava uma animada partida de voleibol. Os times eram mistos, e os jovens estavam levando o jogo a sério. Ao lado, outros garotos e garotas esperavam a vez de jogar.

Poucos minutos depois uma das equipes foi derrotada e saiu. Outra entrou no lugar para uma nova partida. - Por qual equipe você vai torcer? - ela me perguntou.

- Não sei. Deixe-me ver...

- Escolha uma antes do jogo começar - sugeriu.

- Acho que a turma que está entrando agora vai ganhar. Vou torcer por eles - respondi, entusiasmado.

Em pouco tempo a partida ficou bastante disputada. Ninguém queria deixar a bola cair, e os lances tornaram-se emocionantes.

Fiquei completamente entretido com o jogo. Depois de quase trinta minutos de disputa, a equipe que eu havia escolhido conseguiu uma vitória apertada.

- Ganhamos! - exclamei.

A bruxa fitou-me com um olhar curioso.

- Ganhamos? - perguntou.

Achei que ela não conhecesse as regras do jogo.

- É! ganhamos! A equipe que escolhemos ganhou a partida.

- Você acredita mesmo que ganhou da outra equipe? - perguntou.

- É claro. Fizemos mais pontos. Ganhamos - repeti.

- Olhe novamente para os jogadores e responda: quem você acha que se divertiu mais? Os jogadores da equipe que fez menos pontos ou você? - sugeriu.

Os jovens estavam se provocando mutuamente em tom de brincadeira. Uns estavam deitados na areia, alguns bebiam água, e outros comemoravam ou pediam uma revanche. Era uma festa animada. Não conseguia mais distinguir quem fazia parte de qual time. Fiquei sem saber o que dizer.

A bruxa virou-se para mim.

- É muito mais divertido ser jogador do time derrotado do que torcedor do time vencedor - comentou.

- Você tem razão - admiti, boquiaberto.

- Quando participamos, aprendemos e nos divertimos. Não há perdedores entre os que participam - disse.

Os jovens já começavam a se organizar para uma nova partida.

- Você não está sugerindo que eu entre num dos times para jogar, está? - perguntei.

- Se você for, tenho certeza de que aproveitará muito mais. Há uma enorme diferença entre participar e ficar na platéia. Entretanto, acho que o calor está demais para pessoas da nossa idade se aventurarem numa atividade física. Talvez mais tarde fosse um horário melhor - provocou.

- Por que você me pediu para escolher uma das equipes para torcer? - perguntei.

- Para você perceber como aceitamos facilmente a posição de torcedores. Por outro lado, se eu tivesse sugerido a você para entrar no jogo...

- Foi para mostrar que continuo insistindo em permanecer na confortável posição de espectador, não é?

- Não só você. Estamos falando de todas as pessoas que abrem mão de participar e canalizam suas energias apenas para torcer pelas outras. É o desperdício do bem mais precioso que possuímos. Bilhões de pessoas adoram assistir aos jogos, mas poucas participam. Bilhões de pessoas apreciam livros, mas poucas escrevem. Bilhões gostam de ouvir música, mas pou-

cas tocam. Bilhões adoram aventuras, mas poucas as vivenciam.

- Estou encaixado em todas essas categorias - confessei.

- Foi por isso que eu lhe disse que você estava apenas descrevendo locais maravilhosos a partir de mapas. É preciso participar. É para isso que estamos vivos.

- Acho que o medo de não ser capaz de fazer bem-feito é o grande obstáculo - comentei.

- Como vamos aprender algo novo sem admitir a possibilidade de errar? Preservar-se alegando medo de errar é um desperdício de vida. Por isso as crianças são superiores. Elas admitem que não sabem e fazem questão de participar de tudo. Se você fosse uma criança, estaria fazendo de tudo para entrar no jogo. As crianças não aceitam ficar assistindo. Os adultos têm medo de tudo. Você relutou um bocado até concordar em vir comigo à praia hoje pela manhã.

- Foi uma questão de responsabilidade profissional - argumentei.

- Dar outros nomes ao seu medo não o torna menos aprisionador.

- Está bem, confesso. Fiquei com medo de enfrentar uma situação nova. Afinal, não é todo dia que uma paciente me faz trazê-la à praia - declarei.

- A rotina é parte de nossa armadura. Protege, mas limita. Viver uma rotina na qual somos apenas torcedores é ainda mais limitante. Quantas pessoas, ao saberem que você é médico, já lhe disseram que também desejaram estudar medicina, mas que, por um motivo ou por outro, tiveram de abandonar esse sonho?

- Já ouvi essa história algumas vezes - respondi.

-As pessoas abrem mão de seus sonhos com uma facilidade espantosa. Depois, quando ficam mais velhas, lamentam-se de tudo o que gostariam de ter feito e não fizeram. É muito triste.

Ajeitei-me, buscando uma posição mais confortável.

- No fim, só nos arrependemos das coisas que não fizemos, não é? - perguntei.

- É, mas não vá me deixar aqui falando sozinha e entrar no jogo agora - brincou.

Os jovens já estavam se posicionando para iniciar uma nova partida.

- Agora não. Como você disse, o sol ainda está muito forte. Talvez na

próxima... - ameacei.

- Vou querer ver - provocou.

- Escolha um time para torcermos - sugeri.

- Qualquer um. Ambos serão vencedores.

- Tem razão.

E fiquei assistindo ao jogo com uma incrível vontade de participar.



Limiar

Assistimos a mais duas partidas, e, ao contrário do que havia dito, não participei de nenhuma delas.

Não entrei no jogo porque estava apenas com a roupa do corpo e seria bastante incomum entrar numa partida de voleibol usando calças compridas e camisa social. Além disso, minhas roupas ficariam suadas, e eu não teria como trocá-las. Pelo menos foi essa a desculpa que usei para não participar.

Mas, como ela tinha dito, podemos dar ao nosso medo o nome que quisermos, e ele continuará nos limitando da mesma forma. Agora sei que, se quisesse ter participado do jogo, minhas roupas não teriam sido obstáculo. Na verdade, faltou resgatar o espírito de criança que não se contenta em ficar apenas olhando as outras brincarem.

Quando o calor se tornou mais ameno, ela sugeriu um novo passeio.

- Que tal irmos ao porto? - perguntou.

- Você é a chefe da nossa excursão. Seu desejo é uma ordem - respondi.

Pegamos o carro e seguimos pela avenida em direção ao porto.

- Estou achando maravilhosa essa nossa viagem e tudo o que estou aprendendo com você - comentei.

- Mas... Sua frase continuará com um 'mas', não é? - perguntou.

Ri de sua perspicácia.

- Mas - continuei - devo confessar que sinto muita dificuldade para pôr em prática esses conhecimentos.

- Todas as coisas estão o tempo todo diante de seus olhos. Você só não as verá se não as estiver procurando - comentou.

- Falando parece fácil - murmurei.

- Quantos parafusos você se lembra de ter visto hoje? - perguntou subitamente.

- Quantos o quê?! - exclamei.

- Você ouviu muito bem. Quantos parafusos você se lembra de ter visto hoje? - repetiu.

- Para ser sincero, nenhum - respondi.

- Você não viu nenhum porque não os estava procurando. Quando estiver, encontrará parafusos em todos os lugares.

Olhei para o painel do carro e imediatamente encontrei dois parafusos.

- Parafusos são coisas muito comuns - desdenhei.

- As outras coisas podem exigir uma procura mais persistente, mas se você não procurá-las jamais as encontrará. Sem procura, não há descoberta - sentenciou.

Fiquei pensando, em silêncio.

- Na natureza existe um momento certo para tudo - continuou. - Se você pegar dois gravetos e esfregar um contra o outro, o atrito fará a temperatura aumentar. Se continuar esfregando, a temperatura subirá tanto que, em determinado instante, um deles começará a pegar fogo. A partir daí você não precisará mais esfregar, pois o fogo se manterá sozinho.

Ela retirou uma pequena agenda e uma caneta de sua sacola, anotou alguma coisa e guardou-as novamente. - A natureza mostra que temos de manter o esforço durante algum tempo, até o processo atingir seu limiar, depois ele se mantém por si mesmo - disse.

- Esfregar gravetos mentais... É uma boa metáfora - comentei.

- Você tem de iniciar sua busca conscientemente. Isso exige algum esforço, mas, se sustentá-lo até o limiar, tudo passará a acontecer sozinho. É uma lei natural - finalizou.

Pensei em algumas coisas que relutei para aceitar, mas que depois passaram a fazer parte do meu dia-a-dia.

- É como escovar os dentes, não é? Quando somos crianças, nossos pais precisam nos obrigar a escovar os dentes. Depois passamos a fazê-lo espontaneamente e não conseguimos mais ficar sem escová-los - concluí.

- Escovar os dentes também é uma boa comparação - brincou.

- O problema são os tropeços no caminho - comentei. - É difícil manter uma condição nova durante muito tempo. Veja o caso dos regimes. Para emagrecer, basta comer um pouco menos todos os dias, mas pouquíssimas pessoas conseguem fazê-lo. Somos muito fracos.

- Engano seu - discordou -, somos muito fortes. O que nos aprisiona é a acomodação.

- Não sei se sou tão forte assim - confessei.

- Vou contar uma história que aconteceu quando eu era menina. Certa vez, um circo foi apresentar-se na cidade em que eu morava. Quando ele estava sendo montado, um leão fugiu da jaula e saiu pelas ruas da cidade. Nem preciso dizer sobre o pânico criado. Ao ver o leão, todos corriam em busca de um lugar seguro.

Ela fez uma pausa, esperando a cena se formar em minha imaginação.

- Na rua principal existia uma pequena oficina de relojoeiro. Ela possuía apenas a porta de entrada e uma minúscula janela na parede do fundo. O dono era um homem sedentário; além disso, ele adorava comer e estava dezenas de quilos acima do peso ideal.

Fiquei imaginando como a história iria continuar.

- Depois de percorrer diversos lugares, o leão chegou à rua principal e resolveu entrar pela porta da relojoaria. Imagine o susto que o pobre homem levou ao ficar frente a frente com a fera. Numa fração de segundo, ele subiu em sua mesa e saltou pela janela de trás, escapando ileso. Logo em seguida, o pessoal do circo conseguiu cercar o leão e levá-lo de volta à jaula.

- Pelo menos ele passeou um pouco pela cidade - brinquei.

- De fato.

- E qual é a moral da história? - perguntei.

- Todos na cidade ficaram curiosos para saber como o gordo relojoeiro havia conseguido passar pela estreita janela durante a fuga. Bastava olhar para perceber que era impossível alguém daquele tamanho passar por uma janela tão pequena. Para mostrar como havia feito, o homem tentou

repetir a façanha, mas não conseguiu passar nem uma perna. Até hoje permanece o mistério de como ele conseguiu sair por aquela janela.

- Faltou o leão para lhe dar um estímulo - comentei.

- Sem dúvida. A partir daquele dia, percebi que somos capazes de fazer coisas incríveis. Somos muito mais fortes, ágeis e inteligentes do que imaginamos. É a acomodação que nos restringe. Ficamos parados, acreditando que não temos capacidade para vivermos uma vida extraordinária - declarou.

- Espero não ter de encontrar um leão para descobrir minhas capacidades ocultas - graciei.

- Não se preocupe, os circos quase nem existem mais. Fica a seu critério desenvolver seus dons e desfrutar a vida. A natureza só torce por isso.

Ela virou-se para mim e esperou nossos olhos se encontrarem.

- Preste atenção no que vou lhe dizer. O paraíso é o lugar onde nossos sonhos se realizam. E ele pode ser aqui. Só depende de você.

Permaneci em silêncio durante vários minutos, deixando a mensagem ecoar em minha mente.

- Fico cada vez mais surpreso com você - confessei. - Gostaria de saber mais sobre sua vida. Onde você nasceu, estudou, quais livros leu, tudo.

- Se você espera uma história de grandes emoções, esqueça. Minha história é tão comum como a de todos. O passado não tem nenhuma importância. É o que faremos daqui para a frente que vale. Não pense na minha história. Nem pense na sua história. Concentre-se apenas nas coisas que fará a partir de agora para tornar sua vida especial.

- Vou tentar.

- Não existe tentar. É fazer ou não fazer.

- Eu farei. Prometo.

Continuei dirigindo, e não dissemos mais nada até chegarmos ao porto. Eu a admirava e desejava ser capaz de ver o mundo como ela.



Primaveras

Chegamos ao porto, e, como era uma tarde de domingo, não havia muito movimento. As árvores ao redor dos armazéns estavam carregadas de flores coloridas. Estacionei o carro e ficamos olhando os enormes navios de carga.

- Adoro a primavera - comentei. - Sempre a associo a coisas agradáveis. Tenho até uma história sobre isso. Quer ouvir?

- Gostaria muito - respondeu gentilmente.

Comecei a contar.

- Aconteceu quando eu ainda estava na escola de medicina. Era final do quarto ano, e toda minha turma estava esgotada. Tínhamos assistido centenas de aulas, atendido inúmeros pacientes, passado por dezenas de provas e realizado infindáveis plantões. O desgaste era total, e qualquer mal-entendido se convertia em motivo de discussão. Nossas cabeças estavam literalmente entupidas. O pior é que ainda estávamos no início de novembro, e nossas aulas só terminariam na segunda semana de dezembro.

Ela suspirou, demonstrando compreender a situação.

- Naquelas condições, fomos assistir a uma aula de pediatria. Sentei-me numa posição bem no canto da sala, na primeira fila, pois pretendia desfrutar de um pouco de isolamento. Do lugar de onde estava, podia ver, com o canto dos olhos, meus colegas e, pela postura de cada um, notei o estado lastimável da turma. Todos estavam deprimidos, apáticos, caídos e

murchos. Como plantas sem água há vários meses. Uma imagem muito triste.

- Começo a perceber a relação dessa história com a primavera. Continue, por favor, estou gostando - incentivou.

- Nosso professor chegou. Diante daquele quadro, qualquer pessoa em sã consciência teria desistido de ensinar naquela sala. Mas ele não se abalou com o que viu e iniciou a aula com grande alegria e entusiasmo. Ao fazer isso, alguma coisa soou dentro de cada um de nós, e comecei a perceber algo mágico acontecendo. No início, foi pequeno, mas mostrava que aquele não era um professor comum.

Ela balançou a cabeça concordando e esboçou um sorriso.

-A aula prosseguiu, e aquela sensação contagiante tornou-se maior e avançou sobre nosso desânimo. Foi como se o clima tivesse mudado, e as primeiras gotas de uma chuva refrescante comessem a cair, penetrando no solo e hidratando nossas raízes ressecadas. Nossas folhas queimadas também receberam com prazer e incredulidade aquela bênção. Você precisava ter visto. De onde eu estava, acompanhei toda a transformação. De plantinhas murchas e sem vida, em pouco tempo todos estavam lindos e viçosos. Foi um verdadeiro milagre.

Pigarreei, tentando disfarçar a emoção que sempre sentia ao relembrar aquela história.

- Naquele dia, aprendi que existem pessoas iguais à primavera. Quando chegam, transformam o ambiente. Só pela presença, convertem seres secos e murchos em pessoas lindas e viçosas - arrematei.

- É uma história muito bonita. Realmente existem pessoas capazes de tornar tudo bonito. Conheço algumas assim. Estão sempre felizes e fazem tudo com enorme prazer, contagiando todos que estão à sua volta - comentou.

- Pois é, desde então tenho procurado por essas pessoas-primavera... E encontrei mais uma. Você é uma delas, tenho certeza - finalizei.

Ela ficou pensativa durante alguns momentos.

- Talvez só uma pessoa-primavera seja capaz de identificar outra. Já pensou nisso? - perguntou.

- Ficarei muito feliz se for assim. Entretanto, não sei se deixo as pessoas felizes quando estou por perto - confessei.

- Pois vou lhe dizer: você também é uma pessoa-primavera... Mas não vá ficar convencido - brincou.

- Obrigado pela gentileza. Talvez seja, no máximo, um aprendiz. Tenho um longo caminho a percorrer.

- Todos somos aprendizes.

Ficamos olhando um navio graneleiro sendo carregado. Para onde viajaria aquele navio? Para o Extremo-Oriente ou algum país escandinavo?

Pensei sobre como o mundo de hoje está intimamente interligado. Em breve, não existirão mais fronteiras. As culturas se mesclarão e, quem sabe, será o fim da miséria e de todas as guerras. Um planeta povoado por pessoas-primavera.



Livros

Deixamos o carro estacionado e saímos passeando a pé pelas ruas do porto.

- Gostaria de escrever sobre essa nossa viagem e as coisas que estou aprendendo com você - comentei.

- Pode escrever, mas ninguém irá acreditar que esta viagem aconteceu de fato. Vai escrever em seus artigos na revista? - perguntou.

- Pensei em algo mais ambicioso: um livro - declarei.

Ela sorriu, mostrando sua aprovação.

- Saiba que um livro exige mais responsabilidade. As pessoas costumam levar os livros a sério. Elas os compram, lêem e guardam. Às vezes, até incorporam algumas idéias às suas próprias vidas. Quando gostam, os dão de presente ou os emprestam aos amigos. Portanto, se pretende mesmo escrever um livro, prepare-se para uma responsabilidade maior.

- Que tipo de responsabilidade?

- Como autor, você ficará exposto. Algumas pessoas irão adorar, enquanto outras vão criticá-lo pelos mais diferentes motivos - sentenciou.

- Não importa. Não me incomodarei com as opiniões. Vou apenas escrever o livro e deixá-lo seguir seu próprio caminho - desdenhei.

Ela franziu a testa, sublinhando minha prepotência. - Você já sabe como fazê-lo? - perguntou.

- Ainda não. Para ser sincero, não tenho a menor idéia. Além disso,

ao contrário do que possa parecer, tenho muita dificuldade para escrever. Quando minha professora do primário disse que eu já sabia escrever, estava enganada. Desde aquela época, sofro muito quando tenho de fazê-lo. Você tem razão, escrever um livro deve ser muito complicado. Pensando bem, acho melhor deixar essa idéia para lá - concluí.

Caminhávamos lentamente, sem destino.

- Vai desistir só porque acha que vai ter trabalho? Pretende continuar descrevendo mapas ou vai começar a tornar sua vida especial? - repreendeu-me.

- Não sei se...

- Escrever é muito fácil - interrompeu-me. - Em primeiro lugar, você precisa de um pequeno caderno e uma caneta. Mantenha-os sempre com você. Nele você anotará suas idéias no momento em que elas lhe ocorrerem, pois, se deixar para depois, irá esquecê-las. Escreva uma ou duas linhas para cada idéia, apenas para poder lembrá-las. Aliás, vamos começar já.

Pegou a pequena agenda em sua sacola, retirou uma folha em branco e passou-a para mim. Em seguida, emprestou-me uma caneta.

- Por enquanto, escreva nesta folha. Depois providencie seu próprio caderno - instruiu.

Agradei e só para provocá-la fiz uma anotação e a li em voz alta: “Não esquecer de comprar meu próprio caderno e minha caneta”.

Ela ignorou minha isca e continuou sua explanação.

- O passo seguinte é imitar quem já fez.

- Imitar quem já fez o quê? - perguntei.

- Quem já fez um livro. Pegue um livro e copie-o - recomendou.

- Copiá-lo? Como assim?

- Escolha um livro que você tenha gostado. Pegue um caderno e comece a copiá-lo. Reserve algum tempo e copie o livro desde o início.

- Minha nossa! Dependendo do livro, ficarei meses copiando-o. Sinceramente não tenho força de vontade para tanto - exclamei.

- Não é necessário copiar o livro todo, bastam algumas páginas. Três ou quatro páginas são suficientes. O objetivo é familiarizá-lo com o estilo do autor, a montagem dos parágrafos, a estrutura dos diálogos, a construção dos capítulos, e assim por diante.

- E depois? - indaguei.

- Em seguida, você deve fechar o livro e continuar a história por sua própria conta. Quando terminar, bastará modificar o início, e você terá escrito seu livro.

Arregalei os olhos diante da aparente simplicidade da receita.

- O problema é me disciplinar para escrever um pouco todos os dias. Esta será, sem dúvida, minha principal dificuldade - argumentei.

- Você mesmo disse que atingir o limiar é como escovar os dentes. No início precisamos ser obrigados, depois passará a ser um hábito.

- E quem me forçará a escrever?

- Você mesmo. Mas, se precisar de ajuda, diga aos seus amigos que está escrevendo um livro. Se fizer isso, eles o forçarão a escrevê-lo. As pessoas adoram cobrar umas às outras. Depois de anunciá-lo, você terá de escrevê-lo. A não ser que queira passar por mentiroso - advertiu.

- Adoro você. Sempre tem solução para tudo. O que mais preciso saber para escrever o livro?

- Um texto é como uma música: precisa ter ritmo e variações. Ouça músicas suaves enquanto escreve, e elas o ajudarão a definir o ritmo - sugeri.

- Espere um segundo. Deixe-me anotar esta receita para fazer livros - pedi.

Ela balançou a cabeça, divertindo-se com minha atitude.

- Basta você não complicar. Escreva uma história pequena, com letras grandes e palavras fáceis. Ninguém deve passar a vida lendo um livro gigantesco ou tentando entender um texto muito complicado. Precisamos viver nossas próprias aventuras; portanto, faça tudo o mais simples possível - recomendou.

- E se eu tiver muita coisa para contar? - provoquei.

- Faça vários livros pequenos. Os livros grossos só servem para escrever o nome do autor com letras grandes na lombada e chatear os leitores. As coisas importantes são simples e óbvias. Não são necessárias muitas palavras para falar sobre elas.

- Essa idéia é interessante - exclamei. - Vou anotar para não esquecer de colocá-la no meu livro.

- Sobre as coisas importantes serem simples?

- Não. Sobre sua teoria de que os livros grossos só servem para chatear os leitores - menti para irritá-la e ri.

Ela retrucou meu gracejo.

- Não me provoque ou serei obrigada a escrever um livro antes do seu - desafiou.

- Agora é que vou provocá-la para valer - ameacei. - Adoraria ler seu livro.

- Ainda não vou escrevê-lo porque tenho outras prioridades. Além do mais, como todas as grandes bruxas, quero manter meu anonimato.

- Então você está perdida, pois vou escrever tudo no meu livro. Diga adeus ao anonimato. Em breve, todos saberão da sua existência - decretei.

- Pode escrever à vontade, ninguém acreditará. Pensarão que eu sou um produto da sua imaginação - sentenciou.

- Se isso acontecer, vou apresentá-la e deixar todos de queixo caído - rebati.

- Isso não será possível. - Por que não?

- Porque estou partindo em viagem.

Ao dizer isso, apontou para um enorme transatlântico ancorado à nossa frente.

Julguei ser uma brincadeira, mas logo vim a saber que não o era.



Navio

Está vendo aquele navio ali? - indicou. - É lindo... mas o que tem ele?
- Venha comigo - disse.

Caminhamos em silêncio até nos aproximarmos da plataforma. Havia um intenso movimento de pessoas ali. Muitos membros da tripulação organizavam a subida dos passageiros pela rampa de embarque. O navio parecia pronto para partir.

De repente, notei um oficial vestido num imponente uniforme branco caminhando em nossa direção. Ele vinha acompanhado por um marinheiro que tinha o brasão do navio estampado na camisa. Eles aproximaram-se, parando à nossa frente.

- Olá! É um enorme prazer revê-la - disse o oficial, beijando a mão da bruxa com grande deferência. - Já faz bastante tempo desde nosso último encontro.

- Olá, capitão - respondeu a bruxa.

O capitão fez sinal ao marinheiro para pegar a sacola que ela carregava. O rapaz adiantou-se como se tivesse treinado muitas vezes para fazer aquilo.

Fiquei boquiaberto, sem entender o que estava acontecendo.

- Este é o amigo que me trouxe - disse a bruxa, apresentando-me ao capitão.

- Muito prazer - cumprimentou-me.

- O prazer é todo meu - respondi, ainda em estado de choque.

O capitão voltou-se para a bruxa.

- Sua cabina está pronta. Reservei a melhor da primeira classe. Espero que seja do seu agrado... Também sentir-me-ei muito honrado em tê-la em minha mesa para o jantar desta noite - disse.

- Você sabe muito bem que o luxo da primeira classe não me seduz, mas aceitarei sua oferta por educação - disse, jocosamente.

O capitão riu da brincadeira. Pareciam ser amigos de longa data.

- Quanto ao jantar de hoje - prosseguiu a bruxa -, terei muito prazer em desfrutar de sua companhia.

Em seguida, virou-se para mim.

- Preciso entregar-lhe algo - disse.

Abriu a mão, entregando-me um objeto amarrado a um fino cordão.

Peguei o presente. Era uma pequena cópia em metal do desenho do quadrado e suas diagonais.

- Isto é para lembrá-lo da importância de ver o mundo por diferentes perspectivas e também da nossa viagem.

Senti-me como se tudo aquilo não estivesse acontecendo.

- Obrigado. Jamais me esquecerei de você. Obrigado... Não tenho nada para retribuir seu presente - murmurei com tristeza.

- Comece a viver a vida como ela merece... E escreva o livro - recomendou.

- Farei isso - balbuciei.

O capitão aguardava impassível.

- Agora preciso ir - disse a bruxa. - Vou à Europa. Tenho algumas coisas a fazer por lá. Dê-me um beijo e prometa que irá cuidar-se bem.

- Prometo, se você prometer o mesmo.

- Combinado.

Trocamos um abraço apertado e beijei-a carinhosamente no rosto.

- Vou encontrá-la de novo? - perguntei.

- Nossos destinos estão ligados para sempre. Não há mais separação.

- Fico feliz em saber.

Virou-se para o capitão.

- Podemos ir?

- Quando quiser - ele respondeu.
- Boa viagem - desejei.
- Para você também.
- Mas eu não estou indo viajar - retruquei.
- É claro que está. Ou, depois de tudo, você pretende continuar descrevendo mapas - riu.
- Tem razão. Obrigado.
- Adeus.
- Adeus.

Ela e o capitão embarcaram conversando animadamente como velhos amigos que não se viam fazia muito tempo.

Não me lembro quanto tempo fiquei ali parado, sem saber o que fazer. Lembro-me apenas dos rebocadores afastando o navio e o sol começando a se pôr no horizonte.

Neste momento, abri minha mão e lá estava meu presente.



Recomeçando

Voltei sozinho para casa, sentindo uma sensação de irrealidade.

Na manhã seguinte, retornei ao hospital sem acreditar que tudo havia realmente acontecido. Pensei que seria interrogado sobre o desaparecimento da paciente com pneumonia, mas passei toda a manhã no ambulatório e ninguém me procurou para falar sobre o assunto.

À tarde, realizei minha visita rotineira à enfermaria e descobri que um novo paciente ocupava o leito em que antes estava a bruxa. A enfermeira que nos viu sair na manhã anterior estava de serviço e nada me perguntou.

Comecei a achar que tudo tinha sido produto de minha imaginação. Já ouvira sobre casos bastante estranhos da psiquiatria. Será que algo do tipo estava acontecendo comigo? Fiquei com medo de perguntar à enfermeira e descobrir que nenhuma senhora idosa tinha estado internada naquele leito nos últimos dias.

Após terminar a visita, voltei para casa e joguei-me na cama. Não tinha apetite para jantar e lembrei-me de que também não havia almoçado. Fiquei deitado um longo tempo, sem me mover, esperando algo acontecer. Talvez acordar de um sonho ou descobrir o grau de meu distúrbio mental.

Pensei em checar o carro para saber se tinha dirigido até o litoral no dia anterior, mas logo desisti da idéia, pois havia muito tempo não fazia o controle da quilometragem.

Talvez voltar ao restaurante em que almoçamos e perguntar se havia-

mos estado lá, mas também desisti da idéia. Imaginei que o restaurante poderia nem mesmo existir. E, se isso acontecesse, seria obrigado a procurar um psiquiatra e pedir para providenciar minha internação imediata.

Nem o canhoto de meu talão de cheques seria capaz de me ajudar, pois lembrei-me de que tinha pago em dinheiro as despesas de nossa viagem real ou imaginária.

Olhando para o teto do quarto, admiti que toda a história com a bruxa parecia fantástica demais para ser real. Ela tinha razão. Ninguém acreditaria se eu contasse sobre a viagem. Para ser sincero, eu mesmo já estava em dúvida.

Não sei durante quantas horas permaneci nesse limbo, mas aos poucos as preocupações da rotina começaram a me trazer de volta à realidade. Senti fome e levantei-me para procurar algo na cozinha. Vasculhei a geladeira e concluí que a hora de fazer compras já havia passado fazia vários dias. De fato, meu apartamento estava uma bagunça. Além de não ter nada para comer, havia uma montanha de roupas esperando a vez para entrar na máquina de lavar.

Mecanicamente, comecei a dar um jeito nas coisas. Peguei a primeira camisa da pilha de roupas sujas, verifiquei se o bolso estava vazio e virei-a pelo avesso antes de colocá-la na máquina. Esse truque de virar as roupas eu tinha aprendido com minha antiga namorada. Ele é útil porque evita sujar a roupa lavada ao retirá-la da máquina ou quando ela está secando.

Continuei meu trabalho de lavanderia durante algum tempo, separando as roupas brancas das coloridas e colocando-as na máquina. Foi ao checar os bolsos da calça que eu tinha usado no dia anterior que senti um pequeno objeto. Um arrepió percorreu minha espinha, e minha respiração estancou. Não pude acreditar.

Segurei o objeto e retirei minha mão fechada com muito cuidado. Fechei os olhos, respirei fundo e abri a mão lentamente. Quando olhei, lá estava o presente que a bruxa havia-me dado, a jóia mais preciosa de toda a minha vida. O pequeno quadrado de metal com suas diagonais era real. Um sorriso de alívio estampou-se em meu rosto, e soltei o ar dos pulmões em estado de graça.

Devo ter ficado olhando para ele durante muito tempo, pois incontáveis detalhes da viagem passaram pela minha cabeça. Terminei sentindo uma

profunda saudade de minha amiga, mas também fiquei feliz, porque sabia que naquele momento ela estava a caminho da Europa.

Larguei as roupas empilhadas sobre a máquina e voltei ao quarto, agarrado ao meu presente. Deitei-me na cama e desfrutei a certeza de que nossa viagem tinha acontecido de fato.

Adormeci feliz e sonhei.



Postal

Nas semanas seguintes, a rotina engoliu-me novamente. Apenas algumas fagulhas do que aprendera com minha amiga cintilavam em raras ocasiões. Como ela havia previsto, os exageros das atividades cotidianas me impediam de perceber as coisas importantes.

Oito meses se passaram, e minha vida voltou a ser exatamente como era antes. Nossa viagem tornou-se apenas uma lembrança agradável de algo incomum.

Tudo permaneceu na mais pura rotina até o dia em que um grupo de amigos me convidou para um final de semana numa estância turística nas montanhas. Era inverno, e viajamos em seis pessoas para um chalé alugado. Saímos num sábado pela manhã em dois carros e dirigimos cerca de três horas até nosso destino.

Quando chegamos próximos à cidade, fomos surpreendidos por uma densa neblina. A visibilidade estava reduzida a poucos metros, e só encontramos o chalé porque uma médica do nosso grupo conhecia bem o caminho.

Desembarcamos nossas malas, dividimos os quartos e saímos para almoçar. A neblina persistiu impenetrável e onipresente durante todo o tempo.

Eu era o único do grupo que estava naquele lugar pela primeira vez, e todos lamentavam a neblina. Queriam que eu visse como a paisagem era

espetacular. Ficamos na cidade até o anoitecer, e mal consegui enxergar os prédios mais próximos.

Era curioso estar num lugar que todos diziam ser maravilhoso, mas onde eu não era capaz de ver quase nada. À noite, voltamos ao chalé envolvidos pela densa neblina. Conversamos durante algum tempo, tomamos vinho e fomos dormir.

Acordei bem cedo na manhã seguinte e, enrolado em meu cobertor, fui até a varanda ver como estava o tempo e aproveitar para respirar o ar puro da montanha. Todos ainda estavam dormindo, portanto tomei cuidado para não fazer muito barulho.

Quando abri a porta, foi como olhar para dentro de uma sala cheia de algodão. A neblina estava ainda mais forte. Tão intensa que produzia um silêncio sufocante no ar. Fiquei triste, pois iríamos embora naquela tarde, e eu não veria a maravilhosa paisagem que meus amigos tanto anunciaram.

Ainda enrolado no cobertor, saí e sentei-me numa espreguiçadeira. O ar estava gelado e completamente parado. Decidi desfrutar daquela sensação de irrealidade.

Fiquei lá, sentado, sem pensar em nada durante cerca de dez minutos. De repente, meus olhos pousaram no parafuso de um suporte de vaso. Lembrei-me da bruxa. “Quantos parafusos você viu hoje?” ela tinha-me perguntado. Tanto tempo já se havia passado. Onde estaria ela naquele momento? As recordações de nossa viagem começaram a chegar no mesmo instante em que senti o ar mover-se.

Continuei relembrando nossas aventuras e percebi que a neblina estava se tornando menos espessa. Após alguns segundos, consegui ver nossos carros parados em frente à cabana, depois um pequeno lago mais adiante, em seguida o contorno das montanhas, e, de repente, como se uma grossa cortina tivesse sido removida, o céu surgiu totalmente azul, e o sol iluminou a paisagem mais deslumbrante que eu já vira. Foi um acontecimento tão mágico que meus olhos inundaram-se de lágrimas.

Naquele instante senti a presença da bruxa ao meu lado, ensinando-me ler na natureza a linguagem que Deus usa para conversar conosco.

Devo ter ficado em transe por mais de uma hora e só me dei conta de onde estava quando ouvi o barulho do pessoal se levantando para preparar o café.

O resto do dia foi maravilhoso. Voltamos à cidade, e pude ver as casas e os prédios que estavam invisíveis no dia anterior. Almoçamos num restaurante delicioso e à tarde passeamos de carro pelas montanhas, apreciando a incrível paisagem. Só lamentei não ter levado minha câmera fotográfica. Gostaria de ter registrado algumas imagens para nunca me esquecer daquele dia tão especial.

No final da tarde, arrumamos nossas coisas e voltamos para as atribulações da cidade grande.

Meus amigos me deixaram na entrada do prédio em que moro e foram embora. Ao passar pela recepção, aproveitei para pegar minha correspondência. Lá estavam algumas contas, folhetos publicitários e um cartão postal mostrando a Torre Eiffel. Virei imediatamente o cartão e li:

*Não é suficiente entender
É preciso aprender.
E aprender é repetir até ser
capaz de fazer por si mesmo.
Não deixe a neblina
impedi-lo novamente.
Estou esperando o livro.
Um beijo.*

Subi, liguei o computador, coloquei uma música no aparelho de som, meu amuleto sobre a mesa e comecei a escrever esta história.

O Livro da Bruxa...



Post scriptum

Sei que, apesar de tudo, é difícil acreditar na existência de alguém tão especial quanto a bruxa. Ao mostrar este livro aos amigos, mesmo eles duvidaram da veracidade da história.

Assim, julguei por bem acrescentar uma foto do cartão postal e do presente que recebi de minha amiga. Como escreveu Cícero:

*Quid praeclarius mihi accidere potuit?**

* Que de mais admirável pode me acontecer?

